

Letícia de Cassia Curci Lopez

**A Escolarização do Filho Através do Olhar da
Família - um Estudo de Caso.**

Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da
Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2010

Letícia de Cassia Curci Lopez

A Escolarização do Filho Através do Olhar da Família -
um Estudo de Caso.

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para a graduação no
curso de Psicologia, sob orientação da:
Professora Doutora
Maria Cecília Corrêa de Faria

Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da
Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2010

*Para quem me mostrou
na prática o que é uma mãe suficientemente boa e outros
conceitos aqui estudados, minha mãe: Carmen Lia Curci
Lopez.*

Agradecimentos

À minha família que desde sempre me oferece o essencial para minha constituição:

meus irmãos que me mostram sempre a possibilidade do companheirismo para além das diferenças e as contribuições apesar das semelhanças;

meu pai, muito além das ajudas práticas e concretas, foi sempre quem me mostrou o caminho do saber, da ética e da importância da família e minha mãe que com muita doçura me ajuda a enfrentar os desafios da vida;

à Cecília, que com enorme tranquilidade e bom humor orientou muito bem o percurso deste trabalho, acolhendo minhas angústias e dividindo comigo seu conhecimento;

aos meus amigos queridos que partilhando as experiências muito me ensinaram;

aos amigos também queridos que me ajudam a pensar a psicologia, com quem dividi mais que frustrações e conquistas: Daniel, Camila, Bárbara, Taly e Cami;

às equipes de monitoria de psicanálise das quais fiz parte e foram, sem dúvida, as experiências mais ricas na minha formação universitária;

às minhas supervisoras e professoras da Derdic ;

à Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni por ter me ensinado o que é ser uma pesquisadora;

ao Marcelinho, aquele que também me ensinou o que é ensinar;

a todos professores que passaram por minha vida, principalmente os da PUC, que muito acrescentaram e me ajudaram a construir conhecimentos;

e por fim, ao teatro que escancara o humano a todo instante.

*“Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas
continuarei a escrever” Clarice Lispector.*

SUMÁRIO:

RESUMO-----	6
Capítulo I: INTRODUÇÃO-----	7
Capítulo II: MÉTODO-----	11
Capítulo III: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA FAMÍLIA-----	15
Capítulo IV: FAMÍLIA-----	20
Capítulo V: A DIMENSÃO SUBJETIVA DE TER UM FILHO-----	25
Capítulo VI: O MITO DE NARCISO-----	28
Capítulo VII: NARCISISMO NA FAMÍLIA E SEUS DESDOBRAMENTOS-----	31
Capítulo VIII: ESCOLA-----	36
Capítulo IX: RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA-----	39
Capítulo X: SOBRE FRACASSO ESCOLAR-----	46
Capítulo XI: LUTO-----	50
Capítulo XII: ENTREVISTA-----	54
Capítulo XIII: ANÁLISE-----	66
Capítulo XIV: CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	80

A escolarização do filho através do olhar da família - um estudo de caso.

Letícia de Cássia Curci Lopez

Resumo:

A ida de uma criança para o mundo escolar é um momento de saída do universo meramente familiar e portanto, essa ampliação de universo contém desdobramentos importantes.

Muitas pesquisas tratam do tema dificuldade de aprendizagem e fracasso escolar, porém poucas se propõem escutar como a família vive esse tema quando algo na vida escolar de seu filho não vai bem.

Este trabalho tem como objetivo e foco a experiência familiar da escolarização do filho, ou seja, tentar compreender como a família vive a escolarização deste filho, qual significado atribuído à esta experiência.

Um estudo de caso, de uma família monoparental, isto é apenas a mãe como representante parental devido ao falecimento do pai, foi ouvida, para suscitar reflexões, análises e compreensões a cerca desta experiência e sobre a temática.

Palavras-chaves: família, vida escolar e dificuldade de aprendizagem.

Capítulo I:

Introdução

Durante o primeiro semestre de 2009, realizei então, pela Faculdade de Psicologia da PUC-SP o estágio em Diagnóstico Psicológico na Clínica/ escola Ana Maria Poppovic. O estagio consistia em atender neste processo uma pessoa (adulto ou não) e participar das supervisões semanais, em um grupo de nove alunos. Este grupo atendeu cinco pessoas, das quais num primeiro momento eram todas crianças e todas com queixa de “dificuldade de aprendizagem”.

Tal unanimidade, mesmo que dentro de um grupo pequeno, de todos os pacientes estarem buscando um serviço psicológico pela dificuldade de aprender me chamou muito a atenção. Primeiramente, porque nunca havia entrado em contato com essa problemática e também por ver crianças bem pequenas sendo descritas como crianças com dificuldades de aprendizagem. Um outro nível de reflexão sobre essa temática, de crianças pequenas que são levadas a um serviço psicológico, instigou-me a pensar sobre como seria para a família quando a escola de um filho procura em uma clínica psicológica esclarecimentos, ajuda e complementação de suas funções precípuas.

O paciente que eu atendi em diagnóstico psicológico tinha cinco anos e chegou à Clínica com a queixa de dificuldade de aprendizagem. Esta queixa foi um dos eixos da investigação diagnóstica. Mas durante todo o tempo ficou claro e evidente que para os pais essa descrição da escola, de criança com dificuldade de aprendizagem, levantava dúvidas deixava-os inseguros quanto às potencialidades do filho. Era possível perceber uma grande ansiedade neles originada pela dúvida de se um dia o filho teria condições de acompanhar a escola regular e se ele se assemelharia às outras crianças. Devido a essa grande angústia e sofrimento, os pais dessa criança, assim como de muitas outras, procuravam a Clínica Escola Ana Maria Poppovic, com o intuito de compreender o que se passava com seu filho e aliviar o sofrimento que os

envolvia Essa angústia vivida pelos pais era algo muito presente nas discussões clínicas realizadas na supervisão. Foi justamente essa temática que despertou meu interesse.

Alves (2008) se debruça de modo contido, sobre as questões elaboradas pelos pais quando buscam um especialista para seu filho, Segundo a autora varias questões pressionam o dia-a-dia da família contemporânea.

Há questões que angustiam pais e mães nas últimas décadas e que os levam, com frequência, aos consultórios dos especialistas em busca de uma orientação ou mesmo de uma terapia, numa indagação constante sobre: Estou agindo certo com meus filhos? A educação que eles estão tendo vai prepará-los para o que irão enfrentar mais tarde? Esse comportamento é ou não um problema e de conseqüências sérias para a vida futura? P. 65

Apoiada no meu pessoal interesse sobre a temática dificuldades de aprendizagem e vivências familiares à respeito dessas dificuldades, a alta frequência de pacientes infantis e adolescentes inscritos na clínica Ana Maria Poppovic que chegaram até ela encaminhados pela escola, trazidos pelos familiares e mais raramente pelo conselho tutelar, optei por escrever minha monografia de conclusão de curso sobre como as vicissitudes escolares dos filhos são vistas pela família.

A família escolhida foi uma família monoparental, isto é, a mãe é a única figura parental presente nessa família, uma vez que o pai é falecido.

Neste trabalho foi realizada entrevista com a mãe de uma criança que já tinha passado pelo processo de diagnóstico psicológico na Clínica Ana Maria Poppovic. A escuta materna foi escolhida para tentar compreender esse fenômeno dentro da dinâmica familiar.

Quando se fala em vivência escolar, podemos refletir também sobre fracasso escolar e dificuldades de aprendizagem. Percebemos que a família, na sua totalidade está envolvida, de um modo ou de outro, com a instituição

escola, quando um de seus membros a frequenta. Esses termos, embora não sejam sempre os mais adequados para se falar da vivência que esta pesquisa procura compreender, são pontos importantes a serem discutidos. Tentarei discuti-los nos próximos capítulos, buscando refletir sobre concepções que estão presentes quando esses termos são abordados.

Para tal discussão, considere importante na execução desse trabalho percorrer o seguinte trajeto:

- considerações sobre a história da família; capítulo em que me proponho a considerar a família, tal como conhecemos hoje, sendo uma construção histórica e social, que vem passando por transformações;
- família; neste momento do trabalho reflito sobre a função da família, sobre o sentido dessa instituição e o papel desta para a constituição da subjetividade;
- a dimensão subjetiva de se ter um filho; se refere ao significado de ter um filho, considerando as fantasias do pai sobre a temática e sobre os lugares familiares que se modificam com o nascimento de uma criança;
- narcisismo na família; onde busco elaborar a questão do narcisismo, ferida narcísica e seus desdobramentos na dinâmica familiar;
- escola; considerações sobre a instituição escola e seu papel para o processo de socialização;
- relação família escola; capítulo que procura discutir a necessidade de uma interlocução entre as duas instituições;
- sobre fracasso escolar; acredito ser importante considerar o termo fracasso escolar, embora haja questões importantes em relação ao termo e ao conceito, uma vez que ele também é presente nas vivências escolares;
- tendo em vista que a família estudada é uma família monoparental devido ao falecimento do pai, considero importante discorrer sobre o luto, ou melhor, sobre a perda de pessoas amadas, visto que essa temática está presente no estudo de caso.

Acredito que escutar o discurso da família sobre a escolarização dos filhos, inclusive sobre as dificuldades deles, é uma tarefa importante, uma vez que a família possui um papel fundamental nas experiências escolares dos filhos. Compreender a experiência sobre o ponto de vista da família traz contribuições fundamentais para a compreensão do sintoma apresentado pelo filho: dificuldades escolares. Essa compreensão auxilia na apreensão do sentido desses sintomas para aquela criança específica, passo essencial para que as questões sejam elaboradas e a criança possa, então, viver a escolarização no sentido de buscar sua socialização no mundo, aprender o que as gerações anteriores acreditam ser importante, desenvolver sua cidadania e promover saúde.

Capítulo II:

Método

Esta pesquisa se centraliza em torno de uma reflexão sobre um estudo de caso, de dificuldade de aprendizagem, inscrito na clínica escola Ana Maria Poppovic do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/S.P.), que já tenha sido realizado um estudo diagnóstico.

O que me proponho nesse trabalho de conclusão de curso é, portanto, uma reflexão sobre como é essa experiência para a família, ou seja, como a família vivencia a dificuldade de aprendizagem do filho inscrito na clínica.

A pesquisa se organiza a partir de uma família, moradora na cidade de São Paulo, em 2010 e que tenha comparecido à Clínica Ana Maria Poppovic com a queixa de dificuldade de aprendizagem de seu filho, apresentada já na Triagem.

A escolha de realizar a pesquisa nesta clínica foi norteadada por duas necessidades. A primeira delas foi encontrar pais que estejam buscando auxílio e que, portanto, reconheçam que há sofrimento envolvido no fato do filho não aprender, ou não acompanhar o ritmo da escola na qual ele se encontra. Outra questão pensada foi o fato de encontrar um caso em que os próprios pais já pensem a questão da dificuldade de aprendizagem de modo que não fique de modo algum a critério desta pesquisa diagnosticar ou atribuir qualquer diagnóstico à criança.

Escolheu-se estudar um caso que já tenha passado tanto pela triagem quanto pelo diagnóstico psicológico e que a criança já esteja sendo atendida ou em psicoterapia infantil ou por uma psicopedagoga porque nos impede de gerar qualquer expectativa de terapia por parte da família

A escolha do caso foi aleatória, porém o caso deveria ter condições fundamentais. São essas:

- apresentar queixa de dificuldade de aprendizagens;
- já ter sido atendido pelo Psicodiagnóstico e, portanto, já haver estudo diagnóstico do caso;
- disponibilidade da família em colaborar voluntariamente com a pesquisa.

Tanto o sexo quanto a idade do sujeito foram fatores considerados irrelevantes para o estudo que essa pesquisa se propõe a realizar.

Levando em consideração a viabilidade em comparecer à clínica, onde foi realizada a entrevista, optei por um caso que não esteja desligado dessa e que, portanto, por estar em atendimento, continue comparecendo ao local.

No caso escolhido o paciente está inscrito no programa de psicopedagogia, no qual comparece uma vez por semana para realizar as atividades.

A proposta de pesquisa foi exposta para a mãe esclarecendo que o objetivo consiste em compreender a experiência daquela família sobre a problemática em questão e que seria necessário agendar de um a dois encontros para que ela falasse sobre a situação.

A família escolhida é monoparental, ou seja, há apenas uma figura parental, que no caso é a mãe, devido ao falecimento do outro genitor, o pai. Por essa razão, por ser a mãe a principal cuidadora, apenas ela compareceu à entrevista.

Há um termo de consentimento, que foi apresentado à mãe para regulamentar sua participação na pesquisa, o qual foi assinado por ela.

Olhar para um caso real e específico nos impede de generalizar a vivência dessa família e mais do que isso, nos defronta com uma família que procura ajuda e, portanto, de certo modo, reconhece o conflito que a envolve.

A entrevista foi semi-dirigida, isto é, o encontro foi iniciado com uma pergunta desencadeadora, que inaugurava a temática em questão. No entanto, a mãe era livre para falar e focar naquilo que ela quisesse e apenas alguns apontamentos eram feitos pela entrevistadora. Em alguns momentos a entrevistadora interviu no sentido de tentar compreender as possíveis lacunas existentes no que havia sido contado.

Antes de iniciar a entrevista, foi solicitada a autorização da entrevistada para gravar a conversa e que se em algum momento ela desejasse o gravador poderia ser desligado. O produto desses encontros foi redigido não na presença dela, ou seja, não enquanto acontecia o encontro, buscando abarcar tudo que estava registrado na gravação.

A escolha por não realizar um registro escrito durante a entrevista foi feita pelo receio de interromper a fala da mãe e também para não causar algum constrangimento.

A pergunta desencadeadora escolhida foi:

“Tendo em vista a sua procura por atendimento psicológico na clínica Ana Maria Poppovic, gostaria de saber como é para você essa situação que vive”.

A partir desse ponto a entrevista foi iniciada e algumas outras perguntas foram feitas durante o encontro.

Esse encontro teve a pretensão de possibilitar a reflexão da participante a respeito do que ela estava contando. Portanto, pode-se dizer que essa entrevista pode promover um espaço de reflexão e elaboração da própria vivência adquirindo um caráter reflexivo e eventualmente terapêutico.

Nesse mesmo sentido, a entrevistadora teve o cuidado de não apresentar aquele encontro como um momento em que ela deveria receber toda a informação da família, mas sim um espaço, mesmo que curto e eventual, que o conteúdo emergido ali fosse construído na relação da mãe com a própria pesquisadora.

O material decorrente desse encontro, como já dito, foi redigido e posteriormente analisado.

O pensamento Winnicottiano foi o caminho escolhido para compreender a vivência dessa família. Winnicott, a luz da psicanálise, através de seus livros e de sua prática clínica, propõe conceitos e compreensões que, na opinião da pesquisadora, elucidam essa temática e muito tem a contribuir com a reflexão proposta neste trabalho.

Uma preocupação dessa pesquisa foi sempre se atentar para o conteúdo das entrevistas em si, para o que a própria família nomeia e sua capacidade de discursar sobre a temática. Em nenhum momento a teoria e os conceitos teóricos tomaram a frente da reflexão acerca dessa vivência, de modo que o objetivo dessa pesquisa nada mais é do que a compreensão do que é a vida escolar do filho em questão.

O filho da entrevistada se encontra com algumas dificuldades na escola, dificuldades essas que muitas vezes, inclusive nos prontuários existentes na Clínica Ana Maria Poppovic, apontavam o termo “dificuldade de aprendizagem”. Olhar para os problemas de aprendizagem como sintoma, implica em olhá-los como algo abrangente, algo que possui um sentido, isto é, que não é casual e que sua própria existência pode revelar algo sobre esse aluno. Analisar o sentido do sintoma: *dificuldade de aprendizagem e fracasso escolar*, pode nos ajudar a compreender como acontece essa vivência na família.

Esta pesquisa trata de investigar um caso clínico sobre a temática. Para não expor essa família os nomes não estão aqui revelados e os sujeitos serão referidos por nomes fictícios.

CAPÍTULO III:

Considerações sobre a história da família

Tendo em vista que a família de outros séculos era bem diferente e que, hoje em dia não podemos falar em um único modelo de família presente na nossa sociedade, podemos pensar que esta é uma construção histórica e que sofre modificações constantemente.

Por isso, para compreender a família precisamos pensá-la como uma instituição não estática com um percurso histórico muito mutável. Solis-Ponton (2004) resume o percurso histórico das relações familiares e da infância:

A perspectiva histórica mostra que o casamento e a descendência se fizeram em primeiro lugar como uma aliança, para que o homem afirmasse sua virilidade e assegurasse a transmissão do poder. Na Idade Média, a criança era considerada um adulto imperfeito e se integrava ao trabalho desde a mais tenra idade. Do século XIII ao XVIII, as manifestações de ambivalência em relação à procriação coloriram a vida familiar. É, sobretudo no fim do século XVIII que vemos nascer o sentimento de amor pela criança, a preocupação com seu desenvolvimento individual e sua educação, como se pode ver no trabalho de J.J. Rousseau. P. 29

Pode-se perceber que na Idade Média a relação dos pais com seus filhos era muito distinta da que encontramos hoje. As crianças eram vistas como adultos pequenos e não tinham direitos diferentes dos adultos. Os pais mandavam os filhos para outras casas, fora da cidade geralmente, para que eles pudessem ser melhor educados. Além disso, dificilmente, nas classes mais abastadas, a mãe amamentava seu próprio filho. Existiam amas de leite que faziam essa função. Isso pode ser percebido, como aponta Aries (1978), através das pinturas da época. Durante os séculos XI, XII, conhecidos como alta idade média, as crianças eram pintadas como adultos só que em escalas

menores, muitas vezes tinham seus corpos desenhados exatamente como um adulto, com músculos, embora fosse apenas um bebê.

Já no século XIII as crianças passam a ser retratadas como anjos, geralmente um adolescente com feições angelicais. Esse tipo de caracterização presente nas artes plásticas perdurou até meados do século XIV e podem ser vistas nas obras de Botticelli, por exemplo.

Aries (1978) ainda aponta um terceiro tipo de infância retratada na Idade Média, nesse caso na decadência dessa época, conhecida como baixa Idade Média. As crianças começam a ser pintadas nuas e até menino Jesus aparece nu nas pinturas, algo inconcebível em séculos anteriores. Embora nus, essas crianças se remetiam à idéia de pureza e eram retratadas como seres assexuados e castos.

De qualquer forma, mesmo tendo sofrido mudanças, as crianças ainda não eram valorizadas tal como hoje são. Uma possível explicação para essa questão está nas altas taxas de mortalidade infantil existentes na época. Muitas crianças morriam logo após o nascimento, o que refletia nas relações entre pais e bebês. Era freqüente que pais tivessem algum de seus filhos mortos no começo da infância e essa alta freqüência torna distinta a vivência da relação com a infância da vivência predominante hoje em dia.

Ao final do século XVIII começa a surgir a família moderna auxiliada pelo fortalecimento da classe burguesa, a família passa a enfatizar os laços e vínculos afetivos, conforme Fernandes (2007) apresenta. Fernandes diz que primeiramente esse sentimento de família surge na burguesia e pouco a pouco se estende às outras classes sociais.

Sobre isso Gomes (2009) enfatiza que:

(...) a família não podia alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos. Aries (2006) deixa claro que isso não

significava que os pais não amassem seus filhos, pois a família era mais uma realidade moral e social do que sentimental. p. 25

Poster (1979) estabelece como nascimento da família moderna o ano de 1750 na classe burguesa, que concebe a família de uma maneira muito distinta da aristocracia e do campesinato da época. Considerar que esta família surge na burguesia é algo importante para compreender certas características presentes.

O homem da época se caracterizava por uma pessoa que trabalhava autonomamente, como médicos, dentistas ou como empresário, uma pessoa que era capaz de se sustentar e sustentar à sua família. Este era então o pai de família, que se casava com uma mulher, a qual por sua vez era dependente dele, financeiramente, pois não trabalhava e era então incapaz de arcar com sua própria sobrevivência e também socialmente, pois a mulher na sociedade da época era o gênero destinado ao cuidado do lar, do marido e da criação dos filhos.

Conforme explica Poster:

O principal interesse da esposa, durante boa parte do casamento, concentrava-se nos filhos: era ela quem tinha de criá-los com o máximo de atenção e um grau de desvelo que era novo na história da família. Os filhos foram reavaliados pela burguesia tornando-se seres importantes para os pais. Um novo grau de intimidade e profundidade emocional caracterizou as relações entre os pais e filhos dessa classe. Uma forma nova de amor maternal foi considerada natural nas mulheres, que tinham não só de zelar pela sobrevivência dos filhos, mas treiná-los para um lugar respeitável na sociedade. Mais do que isso era encorajadas a criar um vínculo entre elas e os filhos, tão profundo, que a vida interior da criança pudesse ser talhada para a perfeição moral. Assim, durante a maior parte de sua vida, as mulheres burguesas estavam confinadas ao lar como nunca o haviam estado antes; tinham que criar e educar os filhos, manter o lar e prover as necessidades do marido, deixando de lado transformações políticas e econômicas que se processavam à volta delas.p. 188

Ainda tentando compreender a especificidade da classe burguesa que possibilitou o surgimento da família moderna, podemos pensar no ambiente de trabalho do homem burguês. Aos poucos o lugar de trabalho, como explica Poster, foi sendo deslocado de dentro da própria casa para outro local. Então o local propício para trabalhar passou a ser um escritório situado em outro endereço que não aquele em que vivia, restringindo o acesso à sua própria casa. Esse isolamento da casa se refere também ao isolamento da família, a qual passa a ser sagrada e inviolável, ou seja, não é permitido que outros adentrem nesse território. Nas palavras de Poster:

As relações internas da família burguesa eram consideradas fora da jurisdição da sociedade. A família era um microcosmo privado, um santuário em cujos recintos sagrados nenhum estranho tinha o direito de entrar. p. 188

Pensando nesse caráter da família, seu isolamento a mantinha longe inclusive de possíveis fiscalizações, não havia leis externas a essa instituição que nela pudessem ser aplicadas. Todo e qualquer comportamento que existisse na família era algo que só dizia respeito aos membros desta e não havia, portanto, a possibilidade da atuação de outros profissionais que mediassem as relações no interior da família.

Nesse sentido, a responsabilidade do êxito na criação e educação dos filhos era da mãe. A mãe deveria saber como criar e educar seus filhos, sem a ajuda de terceiros, educação essa que começava nas questões morais (muito valorizadas pela burguesia) mas passava por todos os conhecimentos que a geração anterior detinha e julgava importante passar aos mais novos.

Sobre isso Poster diz:

Cada vez mais isolada e sem o apoio de uma comunidade de mulheres, as esposas e mães burguesas viam-se submetidas a consideráveis pressões. Tudo o que acontecesse de mal ao bebê era considerado culpa da mãe. A vontade divina e o destino cego

deixaram de ser responsabilizados por qualquer inadvertência física ou moral. P. 190

Dessa forma, a história da família é algo articulado com o contexto em questão e é construída pelo próprio ser humano. Através dessa colocação é importante considerar os fenômenos e concepções familiares como algo não estático que, embora tenha elementos comuns ao longo dos séculos, passou e passa por modificações constantes.

CAPÍTULO IV:

Família

Conforme vimos no capítulo anterior, com o advento da família moderna novas concepções sobre o cuidado, o amor e a autoridade surgiram. As idéias de ama de leite, da educação fora de casa e da não infância são substituídas pela *maternagem* e pela criança anjinho. Esse termo difere do significado de maternidade, por querer expressar a mãe cuidadora. O ato de cuidar é uma característica predominantemente feminina, que podemos perceber em escolas de educação infantil, em babás, em cuidadoras de idosos etc.

A mulher possui tarefas femininas e tem como papel social obrigatório e incontestável, esse cuidado, amor e carinho pela criança.

Segundo Winnicott é a família que inicia o processo educacional na criança. O papel da mãe, que pode ser desempenhado por diferentes pessoas que não apenas a mãe em si, se refere ao cuidado com a criança, de modo a criar circunstâncias propícias ao desenvolvimento saudável da criança.

Winnicott afirma que a mãe, em essência, está preparada para sua tarefa, através da própria orientação biológica, ou seja, há uma especificidade em ser mãe que traz um conhecimento a respeito de cuidar de uma criança, conhecimento este que as professoras e outras cuidadoras terão que adquirir através de uma compreensão intelectual.

Winnicott nos diz que as professoras, tanto de educação infantil quanto de crianças mais velhas, devem estar mais habilitadas e com uma formação intelectual, fatores que podem ser descartados para uma mãe cuidar de uma criança.

Nas palavras de Winnicott:

A mãe não precisa ter uma compreensão intelectual da sua tarefa, uma vez que está preparada para a mesma, em sua essência, pela orientação biológica em relação ao seu próprio bebê. É mais o fato de sua devoção ao bebê do que seu conhecimento autoconsciente que a torna suficientemente boa para obter pleno êxito nas primeiras fases da criação do filho. P. 215

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Winnicott diz que pode haver algo além da compreensão intelectual da tarefa de cuidar de uma criança:

Uma jovem professora da escola maternal não está biologicamente orientada para qualquer criança, exceto de um modo indireto através da identificação com uma figura materna. P. 215

Para Winnicott, a professora está identificada com uma figura materna, que tenha permeado sua história de vida, e essa identificação pode auxiliar no cuidado de crianças pequenas, na compreensão de que há um psiquismo complexo e delicado que deve ser cuidado, ou seja, que além de alimentos e condições adequadas de higiene e saúde física, a criança necessita de algo que vai além desses elementos concretos, algo que a possibilitará constituir uma subjetividade, que ofereça outras possibilidades para o seu desenvolvimento psíquico.

Winnicott enfatiza que é apenas após a família ter oferecido cuidados iniciais (lembrando sempre que os cuidados vão além do concreto, além do essencial para a sobrevivência, funcionamento dos órgãos e preservação das funções vitais) que a escola junto com todos os outros que presentes nesse ambiente (professoras, colegas, etc) podem participar do desenvolvimento, criação e constituição desse sujeito que tem a possibilidade de surgir. Conforme Winnicott:

Só quando os cuidados iniciais da mãe foram bem sucedidos e quando, além disso, os pais continuaram a oferecer os elementos essenciais de um bom ambiente, é que as professoras de escola maternal podem dar à função de assistência um segundo lugar, em relação à instrução pré-escolar propriamente dita. P. 216

Sobre a infância Santos (1999) diz:

O bebê depende da disponibilidade de um adulto genuinamente preocupado com os seus cuidados, isto é, que possa contribuir para uma adaptação ativa e sensível às necessidades da criança, que a princípio são absolutas. P.10

Então podemos concluir que, para Winnicott, a mãe suficientemente boa é aquela pessoa que cuida do bebê e oferece elementos essenciais para sua sobrevivência e saúde psíquica, é aquela mãe que está envolvida afetivamente com seu filho e por isso ao cuidar desse bebê investe seu afeto. É por isso que o cuidado vai além do concreto, isto é, além do leite na amamentação, o cuidado da mãe suficientemente boa é permeado por afeto e investimentos, apostas que essa mãe é capaz de fazer nesse filho, sonhos, desejos e fantasias que são transmitidos nessa relação mãe-bebê.

Quando essa mãe é capaz de oferecer elementos do campo simbólico essa criança tem a possibilidade de viver a escolarização, é possível que outras figuras, como a professora, por exemplo, possam se dedicar ao cuidado dessa criança.

Para a psicanálise, o cuidado materno é algo de extrema importância, algo constitutivo que pode propiciar saúde e inserção social.

Para Winnicott:

Nessas questões, a escola maternal tem funções importantes e óbvias. Uma delas é o fornecimento, durante algumas horas diárias, de uma atmosfera emocional que não é tão densamente carregada do lar. Isso propicia à criança uma pausa para o desenvolvimento pessoal. Também novas relações triangulares menos intensamente carregadas do que as familiares podem ser formadas e expressas entre as próprias crianças. p. 217

Assim, durante a infância a atmosfera segura e pacífica de casa pode se transformar em um ambiente hostil, devido a sentimentos de identificação, fantasias inconscientes que emergem nessa fase da vida.

A escola pode ser uma saída desse ambiente, que já não é suficiente. A criança de dois a cinco anos pode encontrar no período escolar, um tempo essencial para a elaboração dos conflitos vividos nessa fase da vida bem como os sentimentos ambivalentes existentes. É justamente por conta disso, que Winnicott diz que o ambiente familiar nesse momento pode ser percebido como hostil pela criança e que um tempo alheio a este pode ser fundamental na elaboração desses conflitos.

Apesar disso, Winnicott faz uma colocação importante, considera a escola um apoio e não uma alternativa para o lar da criança, ou seja, para o autor a escola pode até ter objetivos parecidos com alguns existentes na família, mas é a essa última a responsabilidade de fornecer um lar para a criança que auxilie seu desenvolvimento e constituição. É essencial pensar na família para além dos laços biológicos e formais, mas em seres humanos capazes de criar, educar e acolher com afeto as crianças.

É na escola que o universo dessa criança vai se ampliar, à medida que conhece outras pessoas que não os membros da família (amigos, professoras) e adquire novas vivências, experiências.

Winnicott traça um paralelo entre o momento em que a criança começa a frequentar a escola com o desmame. Se a criança aceita facilmente a escola, pode-se dizer que a mãe obteve êxito ao realizar a tarefa do desmame.

Winnicott afirma que *“a escola maternal suplementa e prolonga em certas direções a função do bom lar”*; nesse sentido, podemos compreender o raciocínio psicanalítico de que é na família que se inicia o processo educacional, de socialização, de desenvolvimento e de constituição dessa criança.

Para esta pesquisa é imprescindível esclarecer as funções da família, isto é, a tarefa familiar de fornecer condições que possibilitem o desenvolvimento dessa criança, de maneira saudável, que busquem auxiliar na constituição de um cidadão pertencente e construtor da sociedade em que vive.

CAPÍTULO V:

A dimensão subjetiva de ter um filho

Podemos perceber que em diversas civilizações a existência das figuras parentais, essas funções podem ser desempenhadas por diferentes pessoas, porém, por questões fáceis de compreender, um ser humano quando nasce e, por alguns anos, necessita do cuidado de algum outro ser humano mais experiente. Caso não houvesse essas figuras de cuidadores, muito dificilmente um bebê atingiria a idade adulta, pois o cuidado é essencial para a sobrevivência. Como lembra Winnicott:

A família protege a criança do mundo (...) p. 60

No entanto, não podemos afirmar que quando uma ou mais pessoas escolhem cuidar de uma criança, elas o fazem simplesmente pelo caráter biológico buscando preservar a espécie humana. Não que essa questão evolucionária não permeie as escolhas dos seres humanos, mas uma simples observação da vida cotidiana nos evidencia que não é apenas isso.

Quando por exemplo um casal decide ter um filho, essa decisão está envolta também de expectativas, medos, desejos, fantasias, ideais, ilusões e experiências vividas. Ter um filho, portanto, não é apenas ter um filho, é algo que contém um emaranhado de sentimentos, muitas vezes aparentemente contraditórios que se tornam presentes na dinâmica familiar e na vivência que cada membro da família tem a respeito das relações familiares.

Winnicott assinala que a chegada de uma criança influencia diretamente no relacionamento entre as figuras parentais. A partir da introdução dessa nova figura (o filho), os pais passam a experimentar sentimentos diversos entre eles. Tais sentimentos, bem como a responsabilidade de proteger um pequeno ser humano, direciona os pais no sentido da maturidade. A vivência de ter um filho acarreta no processo de maturação dos pais, independentemente da idade

deles. Winnicott apresenta a idéia de que, com o crescimento dos filhos, os pais passam a recuperar o processo de crescimento adormecido na adolescência. Sobre isso ele diz:

Dentre homens e mulheres imaturos que se casam, muitos encontram na família motivo para grande alegria e alívio; mas não nos surpreendamos se o crescimento de seus próprios filhos os desafiar a dar continuidade ao próprio crescimento, que se sustara à época da adolescência. p. 65

Isso nos mostra que as vivências dos filhos trazem à tona as vivências dos próprios pais e, eles muitas vezes não estão preparados nem dispostos a reviver suas experiências passadas.

Com a escolarização não é diferente. Ter um filho na escola acarreta em ter pais que, de alguma forma, desejam as mais diversas possibilidades para essa criança. Os pais pensam a vida escolar dos filhos a partir de suas referências de vida escolar - o que engloba suas experiências, seus ideais, suas frustrações e seus êxitos.

Justamente por essa questão quando algo não vai bem com a criança, inclusive no campo educacional, há sofrimento por parte dos pais.

Há muitas famílias que permanecem intactas enquanto as crianças estão se desenvolvendo bem, mas que são incapazes de suportar a presença de uma criança doente p. 71

Isso ilustra a angústia percebida por pais e mães que trazem seus filhos a um atendimento psicológico. Embora muitas vezes o psicoterapeuta seja altamente qualificado, esteja completamente disponível para lidar com a situação, exista um elo interessante entre terapeuta e a criança, ainda assim os pais muitas vezes não conseguem suportar a angústia de ter um filho que precisa de cuidados e que esses cuidados vêm de uma pessoa externa à família. Segundo Winnicott:

Há algo no desenvolvimento sadio de cada criança que constitui a base da integração do grupo familiar. p. 72.

Ainda sobre isso, Winnicott afirma que, embora os pais gerem a família, é o filho que cria a família, o ambiente familiar se dá através da chegada da criança, algo que somente o bebê pode fornecer, chamado por Winnicott da criação de cada criança individual.

Se retomarmos o conceito apresentado acima, de que é função da família cuidar da criança, percebemos que no início da vida a criança circula apenas dentro da família. Seu mundo é restrito, é a família. Com o passar do tempo esse círculo se estende da família nuclear para família mais extensa (tios, primos e outros parentes) e então a criança é inserida no ambiente escolar formal, seja uma creche ou escola infantil.

Aprofundando esse raciocínio, percebemos que a criança enquanto cresce vai se tornando cada vez menos dependente, buscando sua autonomia. Os pais nesse momento têm fundamental importância, uma vez que devem oferecer respaldo para a segurança da criança, bem como encorajá-la a explorar o mundo que lhe espera. Na vida escolar espera-se o mesmo dos pais, que eles sejam capazes de despertar o desejo da criança pelo conhecimento do outro, seja esse outro os conteúdos da escola, os amigos, os professores ou as relações interpessoais.

Winnicott esclarece:

(...) se aceitarmos como correta a identificação entre saúde e maturidade relativa, devemos ter como certo que o indivíduo só possa atingir sua maturidade emocional num contexto em que a família proporcione um caminho de transição entre o cuidado dos pais (ou da mãe) e a vida social. p. 136

Dessa maneira, cabe às figuras parentais oferecer subsídios adequados que possibilitem emergir um sujeito que caminhará em busca de sua alteridade.

CAPÍTULO VI:

O mito de Narciso

O termo narcisismo se refere ao mito de Narciso.

Narciso, segundo a mitologia grega, era um moço incrivelmente belo, desejado por todos, que conseguia possuir qualquer um que desejasse.

Era dotado de uma beleza enorme, vigor e vitalidade jovial que atraía a todos. Narciso vivia em meio às ninfas, tendo quaisquer de seus desejos realizados.

Até que a ninfa Eco, assim chamada por ter sido condenada a apenas repetir o que o outro dissesse e jamais poder falar por si própria, se apaixona por Narciso. Ele tenta conversar com a ninfa, a qual escondida atrás de uma rocha, só consegue repetir as palavras ditas por Narciso e assim, não consegue exprimir seu desejo por ele.

Narciso chama-a então, e quando ela aparece, tentando abraçá-lo, ele a repugna e solicita que ela nunca mais se aproxime dele.

Diante dessa enorme rejeição, Eco se refugia e de tristeza morre, deixando presente somente sua voz, em forma do que conhecemos hoje como eco.

Vendo tudo isso, a deusa da vingança, Némesis acaba por condenar que Narciso se apaixone e não consiga jamais possuir o objeto amado.

Um dia, ao beber água no rio, Narciso se depara com sua própria imagem e a confunde com um outro, com uma outra pessoa. Acreditando ser um outro ser, que não sua imagem, ele se declara a esse ser. Sorri, demonstra afeto e interpreta o que vê como uma reciprocidade desse ser, que na verdade

é sua própria imagem refletida nas águas. Narciso fica, então, muito preso à sua imagem, desejando possuí-la a qualquer preço, porém sempre que se aproxima dela ela desaparece o deixando frustrado.

A frustração de não poder possuir o único objeto que deseja, enquanto todos os outros desejam Narciso, o faz definhando, ele não mais come, não bebe água, acaba padecendo e morrendo por não poder possuir o objeto de amor, sem sequer conseguir perceber que se trata de sua própria imagem.

A partir desse mito muito conhecido, por meio do qual os gregos antigos buscavam explicações para fenômenos complexos e difíceis de explicar, podemos pensar nos desdobramentos do comportamento de Narciso.

Deste mito surge então, o termo narcisismo, utilizado pelo senso comum e apropriado pela psicanálise. Esta diferencia o narcisismo em dois momentos: o narcisismo primário e o secundário.

O narcisismo primário é uma fase do desenvolvimento da criança, uma fase essencial para a constituição da subjetividade, onde a criança para se constituir, investe grande parte da libido em si mesma, e é esse investimento, guiado pelo olhar materno, que também investe muito nos primórdios da infância, que possibilita o surgimento de um sujeito.

A partir daí, espera-se que em algum momento de seu desenvolvimento, a criança, através da percepção da realidade, de que o mundo não está aí para satisfazer suas vontades, possa sair dessa posição narcísica e passar a investir sua libido em um outro, externo a ela, que possibilite à criança a ampliação de seu universo, bem como tolerar frustrações e passar e a lidar com a falta inerente à existência humana.

Narciso se apaixona pela sua própria imagem e investe sua libido em si mesmo, de modo que se destrói. Destrói-se por não conseguir lidar com a frustração de não possuir o que tem vontade, não consegue entrar no campo

do desejo, de modo que a frustração se torna tão insuportável que acarreta na morte.

Esse sentimento vivido pelo protagonista do mito seria o narcisismo secundário, onde a pessoa não é capaz de perceber objetos significativos fora de si mesmos. Implica, portanto, em retraimento dos afetos e erros de percepção.

CAPÍTULO VII:

O narcisismo nas relações familiares e seus desdobramentos

O nascimento de uma criança não se dá por completo no momento real do parto. Principalmente para a mulher, a idéia de ter um filho está presente desde sua própria infância, o que faz com que uma gravidez seja permeada por muitas fantasias que remetem à própria história pregressa dos pais genitores.

Essas fantasias podem possuir os mais diversos conteúdos de acordo com a constituição de cada sujeito, porém, o desejo de ter um filho se relaciona com o desejo de ter um filho ideal, aquele filho, sonhado, imaginado, e que para os pais será perfeito em todos os sentidos.

A perfeição desejada se remete ao próprio ideal-de-eu que os pais possuem e que foi constituído nas suas próprias relações com suas figuras parentais e ao longo de toda sua vida pelas identificações que se estabeleceram.

Sobre ideal-de-eu é importante considerar esse termo como algo que o próprio sujeito construiu através das identificações com as figuras parentais e com os desejos dessas figuras. Está relacionado com aquilo que cada um gostaria de ser, com uma idealização de um eu perfeito que agradaria a si e aos outros objetos de amor, de modo que esses outros, por gostarem desse eu, não lhe negariam amor. É então, pelo medo da perda do amor das figuras constitutivas da subjetividade de cada um que construímos um ideal-de-eu que será buscado como meta, perseguido pelo sujeito e está relacionado com o superego. O superego se refere à instância repressora, da lei, que julga e avalia os desejos e condutas do próprio eu. Portanto, buscar esse ideal-de-eu

está veiculado com uma possível repreensão do superego caso esse ideal seja frustrado.

Nesse sentido podemos pensar sobre o sentimento de culpa, ou seja, quando por algum motivo o sujeito deseja ou atua contra esse ideal-de-eu o superego intervém de maneira repressora, censurando o próprio sujeito o que pode acarretar um enorme sentimento de culpa, isto é, uma punição por não corroborar o ideal-de-eu.

Para compreender melhor esse raciocínio é fundamental pensar também sobre o conceito de identificação. Segundo Laplanche e Pontalis identificação é:

O processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações. P. 226

Assim, podemos compreender esse processo como algo fundamental na constituição do sujeito, algo que fornece referências ao sujeito. Quando uma criança começa seu processo de identificação primária com as figuras parentais, ela elabora também aquilo que ela gostaria de ser, o desejo de ser como a mãe, como o pai, aqui entendidos como função materna e paterna as quais podem ser desempenhadas por diversas pessoas presente e em relação com essa criança, desejo esse que poderá ser resignificado, mas permeará sua vida inteira.

Voltando para a questão do nascimento de um filho, vemos que, na vivência de ser filho de alguém, construímos também fantasias sobre ser mãe/pai de alguém e é nesse sentido que afirmo que quando uma mulher tem um filho, além do filho que se tem, tem-se também o filho que se foi e que gostaria de ter sido.

Neste raciocínio podemos pensar a questão do narcisismo que permeia essas relações em questão. Sobre isso Freud (1914) afirma:

Ao repararmos na atitude de pais afetuosos para com seus filhos, seremos forçados a reconhecer que se trata de uma revivescência e de uma reprodução de seu próprio narcisismo, há muito abandonado. A supervalorização, que já havíamos apontado como um indício seguro de que estamos em presença de um estigma narcísico na escolha objetual, também domina, como se sabe, essa relação afetiva entre pais e filhos. Assim, eles se vêem compelidos a atribuir à criança todas as perfeições- ainda que uma avaliação sóbria não desse motivos para tal- e tendem a encobrir e esquecer todos os defeitos dela.(...) A criança deve satisfazer os sonhos e os desejos nunca realizados dos pais, tornar-se um grande homem e herói no lugar do pai, ou desposar um príncipe, a título de indenização tardia da mãe. (...) O comovente amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que, ao se transformar em amor objetual, acaba por revelar inequivocadamente sua antiga natureza. P. 110

Toda essa contribuição de Freud, nos leva à pensar então que uma criança traz a tona a própria história individual de seus pais e, ainda, que acaba tendo a árdua missão de compensar todas as falhas desses pais ao longo da vida, ou seja, deve, ao contrário dos pais, ser infalível e perfeito.

Essa utópica missão é em algum momento desmontada, assim que a criança começa a mostrar para os pais que ela também é um ser faltante, que ela, assim como eles, não dá conta de tudo sozinha, ou ainda, que como qualquer outro ser humano não é perfeita e ainda, que como sujeito pode ter desejos próprios os quais muitas vezes podem diferir daquilo que os pais almejam para ela.

Os pais acabam por, em alguma medida, enfrentar a frustração da imperfeição dos filhos. É justamente a frustração que pode trazer a tona a questão da culpabilidade, isto é, como não atingi o meu ideal-de-eu através do meu filho devo ser culpado por essa falência.

É nesse sentido que a noção de ferida narcísica traz suas contribuições para a compreensão das diversas vivências entre pais e filhos. Baranger e colaboradores (1980) definem:

Denomina-se “ferida narcísica” tudo o que venha a diminuir a auto-estima do ego ou seu sentimento de ser amado por objetos valorizados. P.21

Dessa forma, as dificuldades vividas, por exemplo na escolarização de um filho, podem ser verdadeiras feridas narcísicas para seus pais, uma vez que o filho remete os pais às suas próprias vidas, frustra seus ideais próprios.

É claro que em algum momento a criança, que é um adulto em devir, acabará por mostrar aos seus pais que a missão que eles a encarregaram é impossível e é deles e não necessariamente sua. Cabe ao filho se apropriar de seu desejo, de modo a construir seus objetivos e sua vida de modo geral, calcado na sua subjetividade, naquilo que ele tem de mais próprio. Não necessariamente essa frustração dos pais é algo insuportável, mas pode ser um momento de bastante sofrimento, não apenas para as figuras parentais mais também para o filho.

O possível sofrimento vivido pelo filho ao frustrar as figuras parentais que foram, sem dúvida, imprescindíveis em sua constituição como sujeito, está também relacionado com o medo da perda do amor. Embora Freud faça uma distinção importante entre o que sente um menino e uma menina, neste trabalho proponho o medo da perda do amor como algo presente na subjetividade e não apenas em um gênero, o que não quer dizer que cada gênero não tenha suas particularidades, suas diferenças.

Esse medo da perda do amor, se dá segundo a lógica de que, ao não corroborar o desejo dessas figuras essenciais na vida de uma pessoa, essas figuras parentais a deixariam de amar. Portanto, só a amariam enquanto correspondesse aos seus desejos e ideais. Esse medo é muito mais presente na infância, uma vez que neste período as pessoas que exercem a função

materna e a paterna estão muito mais em evidência do que na vida adulta, por exemplo, quando a subjetividade já está constituída, apesar de passível de resignificações.

É então, na infância, que a angústia do medo da perda do amor é ainda mais evidente. Justamente por isso, uma criança com dificuldades na escola muitas vezes sofre e sofre por não conseguir corresponder às expectativas parentais o que, em sua fantasia, poderia acarretar na total perda do amor dos pais.

Por outro lado, os pais freqüentemente se perguntam a famosa frase: *“onde foi que eu errei?”*, assumindo para si a responsabilização pelo fato do filho ser diferente do que eles gostariam que fosse. Independente do que essa diferença realmente seja, esses pais assumem essa responsabilidade e se culpam, muitas vezes, por não conseguirem mais uma vez, mais uma vez porque durante suas vidas eles mesmos já perceberam sua própria falibilidade, constituir um ser perfeito.

CAPÍTULO VIII:

Escola

Quando pensamos na existência da educação já consideramos algo necessário, essencial e que esteve desde sempre presente nas sociedades. Talvez sobre a educação possamos mesmo afirmar isto. Porém, é preciso ressaltar que a escola, como a família também é em si algo construído historicamente e socialmente, justamente por isso ela vem se modificando ao longo dos séculos.

Sobre isso Libâneo, Oliveira e Toschi (2005) pontuam:

A escola é uma organização socialmente construída. Sua forma atual- controlada pelo Estado- foi construída pela conquista do ensino realizado no lar e do ensino promovido pela Igreja. Conforme Lima (1992), “a escola constitui um empreendimento humano, uma organização histórica, política e culturalmente marcada.” Assim, uma compreensão verdadeira da escola depende da referência a determinado período histórico e das lentes usadas para olhá-la.

Gomes (2009) corrobora esse pensamento ao afirmar que:

Não havia, nesse período (século XV), a escola como local de aprendizagem direta de uma geração para outra. P. 25

Sendo a escola algo em constante transformação, podemos dizer que os “problemas”, que vislumbramos hoje nessa instituição, são frutos das relações e dinâmicas presentes na nossa sociedade atual.

Outro autor que corrobora essa idéia é Aries (1978):

A civilização medieval havia esquecido a paideia dos antigos, e ainda ignorava a educação. Hoje, nossa sociedade depende e sabe que depende do sucesso do seu sistema educacional. Ela possui um sistema de educação, uma consciência de sua importância. P. 276

Tendo em vista isto, percebemos que as queixas escolares são muito freqüentes. Muitos dos pais que procuram centros de ajuda psicológica para seus filhos, o fazem devido à dificuldade de aprendizagem ou fracasso escolar. Em seu texto, Souza cita a estatística de Moraes (2000) sobre a demanda infanto-juvenil na Secretaria Municipal de Saúde, a qual afirma que 65% dessa demanda é constituída de queixas escolares, ou seja, segundo essa estatística, 65% das crianças e jovens que buscam algum serviço na Secretaria Municipal de Saúde o fazem por terem questões escolares.

Uma pergunta surge: *“Qual é afinal a tarefa da escola? Essas crianças fracassam por não atingirem os objetivos da escola?”* Sobre isso Leite (2000) nos apresenta diferentes autores que sustentam duas missões distintas da escola.

Leite (2000) apresenta o olhar de autores, os quais afirmam que a escola tem a função socializadora para preparar o indivíduo para a sociedade, visto que ele não nasce preparado para isto. Esse tipo de visão confere à escola a tarefa de reprodução cultural de tudo que já foi construído até então.

Por outro lado, outros autores citados por Leite (2000) dedicam à escola a função democrática, com objetivo de formar sujeitos inovadores, que pensarão democraticamente a sociedade em questão.

A escola possui também a tarefa de agente socializador, isto é, uma instituição que possibilita a inserção das crianças na sociedade, de modo que cabe a ela repassar os conhecimentos já adquiridos pela sociedade e que esta acha pertinente repassar para as gerações mais novas, bem como proporcionar um espaço em que a criança se insira em outros contextos que não apenas o universo familiar. Nessa rede de relações possibilitada pela escola, as crianças entrarão em contato com outros adultos e com crianças da mesma faixa etária, podendo desenvolver novas habilidades e compartilhar o mundo social com outras pessoas.

A escola pode ser pensada como um ambiente de diálogo, em que a reflexão, compreensão e possibilidade de transformação estejam presentes. Sobre isso, Canan (1997) diz:

(...) quando pensamos escola possível, pensamos invariavelmente no espaço do diálogo, que implica escuta, porque escuta não nos remete à posição passiva de apenas ouvirmos, mas de refletirmos e interferirmos constantemente, de dialetizarmos, de darmos espaço à dinâmica da história. P.15

Esta é, portanto, a escola ideal, aquela que está presente muitas vezes nos livros mas nem sempre encontramos na realidade brasileira contemporânea. Quando há a falta dessas características na escola, pode-se pensar na falência do próprio processo de socialização da criança. Uma vez sem espaço de diálogo, reflexão e possibilidade de agir sobre o mundo, a criança corre o risco de se tornar mera reprodutora de discursos e padrões já existentes e muitas vezes, a tarefa de inserir a criança na própria sociedade pode acabar por não obter êxito.

Dessa maneira fica claro que a escola tem o papel fundamental de auxiliar o processo de inserção da criança na sociedade através do ensino formal e sistematizado, que busca formar cidadãos críticos e capazes de transformar o mundo em que vive. Tendo justamente esse objetivo a escola possui responsabilidade em oferecer condições que facilitem essa inserção, mesmo que em conjunto com outras instituições.

CAPÍTULO IX:

A relação família-escola

A relação família escola é um objeto de estudo muito explorado tanto pela ciência da educação quanto pela psicologia.

Nessa relação, muitas vezes as partes envolvidas ficam muito distantes porque acabam tendo contato apenas em reuniões de pais, onde há um encontro entre educadores, coordenadores e pais dos alunos ou em festas esporádicas dentro da escola. Sobre isso Gomes (1990) diz:

Em geral, a Escola promove reuniões para dar explicações- para não dizer fazer queixas- sobre o desempenho e o comportamento dos escolares. Assim, uma a duas vezes por semestre, as vezes por ano, os pais são convidados para uma dessas reuniões. Há também eventos festivos, para os quais eles devem contribuir com dinheiro, donativos, e até mesmo com seu trabalho (festas juninas, quermesses etc). Resumem-se nisso, quase sempre, as relações Família- Escola. No mais, os pais mantêm-se e são mantidos bastante afastados dos acontecimentos na esfera escolar. p.85

A relação começa a estreitar-se quando há algo de “ruim” acontecendo com o aluno. A partir daí os pais começam a ser chamados com mais frequência à escola, receberem recados e telefonemas da escola. Portanto, a relação entre essas duas instituições acaba sendo intensificada quando algo não vai bem, quando algo não corresponde às expectativas tanto da família quanto da escola, deixando a criança no meio desta relação.

A palavra ‘educar’ vem do verbo ‘educare’ que significa ‘endireitar’. Por isso podemos tomar como acordado que de uma forma ou de outra tanto a família quanto escola têm a função de inserir essa criança no mundo, para que consiga viver com os demais, compreender e praticar as regras da sociedade em que ela vive e constrói. A própria história, como já dito acima, nos mostra

que nos séculos XV e XVIII a criança não tinha nenhum valor social e ainda, era vista como uma pecadora, que teriam sua *índole pecaminosa* alimentada pelas suas mães.

Com outros papéis sendo desempenhados pela mulher contemporânea, cuidar do filho e educá-lo, passou a ser só mais uma atividade de seu dia, e não a atividade de sua vida. Com isto, percebemos que outras pessoas têm e vêm assumindo esse papel, muitas vezes ao lado da mãe. A escola atual tenta assumi-lo. Sobre isso, Lacasa (1996) se pergunta se escola e família são faces da mesma moeda. Neste artigo ela diz:

Meninos e meninas caminham ao colégio porque se aceita, quase sem discussão que, além de muitas outras coisas, é ali onde hão de adquirir muitos dos instrumentos que os permitirá no futuro comportar-se como pessoas adultas <educadas> e sobre tudo, autosuficientes¹ (p.5)

Essa idéia mostra como a escola acaba por assumir nos dias de hoje a função que já foi exclusiva da figura materna. Ora, se nos séculos XVIII e XIX a função era somente da mãe educar os filhos, quando esta educação não era bem sucedida, seja quem considerasse e o que considerasse esse insucesso, a responsabilidade era da mãe. E sobre ela decaíam acusações, responsabilizações tornando-a a culpada do dito fracasso. Mas e hoje em dia? Como fica essa responsabilização?

Alves (2008) apresenta uma visão um pouco diferente. Segundo a autora, embora a família seja uma instituição histórica, inserida e determinada por um contexto específico, passível de mudanças que vêm sim ocorrendo ao

¹ “Niños y niñas caminan al colegio porque se acepta, casi sin discusión que, además de otras muchas cosas, es allí donde han de adquirir muchos de los instrumentos que les permitirán en el futuro comportarse como personas adultas <educadas> y sobre todo, autosuficientes.”

longo dos séculos, a família continua possuindo uma característica única e importante na educação das crianças. Conforme as palavras de Alves:

E, a despeito da observação de mudanças grandes e profundas na vida familiar, consequência natural do conjunto de transformações por que passaram as sociedades nas últimas décadas do século XX, que levaram a alterações sérias nos papéis desempenhados por homens e mulheres, gerando atitudes e comportamentos antes desconhecidos, a família ainda permanece como a forma predominante de estruturação da vida em grupo, na maior parte das sociedades, mantendo-se como a grande responsável pela criação e educação das gerações mais novas, mesmo que conte com o apoio de outros vários tipos de instituição como creches, hoteizinhos de bebês, escolas maternais, jardins-de-infância, parques infantis, núcleos de assistência à infância e adolescência.p. 22

Alves indica especificamente, a família é a grande responsável pela educação e criação dos filhos e esta função não deve ser transferida a nenhuma outra instituição, mesmo que a concepção de família se modifique ao longo dos anos.

Outra autora que corrobora esse pensamento é Gomes (2009):

Ainda que tenha sofrido mudanças, a família nunca deixou de ter sua função na sociedade.p. 26

Como já dito, é sem dúvida na família que o processo de socialização se inicia, pois é justamente a família que mostra ao bebê a existência de outro, ou seja, é peça chave na constituição da criança enquanto sujeito. Szymanski (2004) propõe que a família pode ser dividida em família pensada e em família vivida. A pensada contém todos os ideais de família que a sociedade nos fornece enquanto que a vivida se refere a família tal como ela é e não como ideal. A revelação da família vivida pode ser percebida quando relações dentro da família não correspondem com o pensado, conforme Gomes (2009) afirma:

O que acaba tornando a relação família escola mais conturbada ainda é quando algo não vai bem. Todos se culpam, poucos assumem suas responsabilidades, suas competências e poucos se propõem a por em prática uma efetiva aproximação da escola com a família e vice-versa. Isso se refere tanto aos pais e responsáveis, quanto à escola, a qual diferentemente das mães, tem qualificações específicas, que poderiam ser ferramentas para auxiliar nessa aproximação, mas muitas vezes não é isso que vemos acontecer.p.26

Quando algo vai mal na educação formal das crianças, surge uma certa confusão em nomear o que está acontecendo. Algumas expressões surgem nesse contexto, por exemplo, rebeldia, incapacidade e dificuldade de aprendizagem.

No que diz respeito a *dificuldades de aprendizagem* há quem responsabilize os pais pelo fracasso escolar dos filhos, muitas vezes as próprias educadoras atribuem o fracasso à famílias “desestruturadas”, “confusas”, “problemáticas” e outros termos desqualificadores. Um ponto importante nessa questão é que a expressão, *dificuldade de aprendizagem*, é geralmente dada pelos próprios educadores e acaba muitas vezes ficando sem sentido para a família, ou ainda, querendo dizer tantas coisas que o sentido acaba se perdendo. Este termo é dito pelas pessoas como se possuísse um significado comum, o que não é verdade. Muitas vezes percebe-se que educadoras usam essa palavra de uma maneira e a família a compreende de outra maneira.

Então, quando algo não vai bem na escola, percebe-se que a relação família - escola fica mais conturbada ainda. Muitos pais responsabilizam a escola pelo fracasso escolar de seus filhos e muitas escolas responsabilizam a família, ou a estrutura familiar por este insucesso.

No que se refere a transferência de responsabilidade apenas à família, vemos que, quando a criança é inserida no universo escolar, os pais acabam muitas vezes, delegando aos educadores tanto a função de ensinar a matéria

curricular, quanto a formação crítica, pessoal, afetiva e social. Nesse sentido, os pais acabam por responsabilizar a escola e os educadores pelos sucessos e fracassos das crianças.

Por outro lado, outros autores discordam inteiramente desses argumentos. Silva (2008) relata uma vivência pessoal em uma escola pública de São Paulo. Neste texto, a autora nos mostra como as educadoras daquela escola pensavam antes de passar por grupos de discussão coordenados por Silva. As educadoras geralmente apresentavam uma visão mais radical sobre as chamadas “crianças problemáticas” e tendiam a culpar a família. Seu trabalho foi então, possibilitar um espaço de construção de uma visão menos pré concebida, fortalecendo a relação família-escola. Neste mesmo texto, a autora cita uma afirmação de Lahire (1997) que diz ser um grande mito a omissão parental na escolarização dos filhos. Em sua pesquisa Silva entrou em contato com relatos de entrevistas que continham grandes evidências de que os pais estão sim preocupados com a educação dos filhos e mostram um grande cuidado com o futuro deles.

Com tantos autores se debruçando sobre esta relação, percebemos as divergências sobre responsabilidades, papéis e funções tanto da escola quanto da família, na vivência escolar das crianças. Por mais que se tente fazer um trabalho integrado entre ambas, a questão da responsabilidade acaba por aparecer, tanto atribuída à família quanto à escola.

Já no que diz respeito à família, percebemos que muitas vezes receber essa afirmação da escola (de que o filho tem dificuldades de aprendizagem), é muito difícil. Isso primeiramente, porque junto com essa idéia pré concebida, outras características desqualificadoras são atribuídas, como: burro, vagabundo e desinteressado. Esses nomes vêm tanto da escola (colegas e até professores) quanto dos próprios pais. Muitas vezes esses nome não são ditos diretamente, o que não quer dizer que eles não façam parte da vivência dessas pessoas.

Essas características acabam frustrando intensamente a família, uma vez que todo pai e mãe têm expectativas, desejos e planos para os filhos, os quais muitas vezes têm a ver com o desempenho escolar dos filhos. Por isso, é muito frustrante para uma família ouvir, assumir e ter o rótulo de ter um filho que não aprende. Essa frustração pode ser algo paralisador para os pais, que se vêm sem saída, achando-se impotentes, fracassados, insuficientes e principalmente por todos esses sentimentos que emergem nessas circunstâncias a maneira de encarar a situação e o desencadeamento da vivência escolar pode ser ainda mais desastroso.

Apoiando-se em Pincus e Dare (1987), Salvati e Dias realizam uma pesquisa, na qual o ponto de vista das pedagogas era o objeto de estudo. Para tal, algumas pedagogas foram entrevistadas para falarem a respeito das dificuldades de aprendizagens de seus alunos. A dinâmica familiar foi apontada pelas participantes como tendo uma participação importantíssima no aparecimento desses “problemas” escolares.

Para Pincus e Dare (1987), o sucesso da criança ao enfrentar as difíceis tarefas subjetivas ao longo do seu desenvolvimento depende, em grande parte, das condições psicológicas que os pais lhe oferecem, sem esquecer que as próprias experiências infantis dos pais, assim como a sua relação conjugal, são fatores importantes no seu processo de interação com a criança (...). Percebemos que as participantes compreendem os problemas de aprendizagem como um fenômeno complexo, cujas causas envolvem aspectos socioculturais, pedagógicos, cognitivos e psicodinâmicos. As questões da dinâmica familiar, entretanto, foram apontadas, de forma unânime, como uma das principais fontes de problemas na aprendizagem, em especial no que se refere à dificuldade da criança para realizar suas atividades com maior autonomia, principalmente em relação à mãe, agravada pela pouca intervenção do pai na relação entre mãe e filho. (P.11)

Por isso é necessário pensar essa relação família e escola, apesar de sua dificuldade de interlocução, como uma relação necessária que busque, com suas particularidades, formar um sujeito inserido na sociedade que vive,

capaz de trabalhar criativamente nesta, se relacionar com outros seres humanos de maneira saudável e do modo mais próprio possível.

CAPÍTULO X:

Sobre fracasso-escolar

Nesta pesquisa que agora realizo, o fracasso escolar é compreendido como uma situação na qual o aluno não corresponde às expectativas tanto da escola quanto da família e ainda, muitas vezes, suas próprias expectativas para consigo mesmo.

A expressão fracasso escolar é usada de maneira recorrente inclusive no meio acadêmico, em pesquisas, teses e artigos e essa alta frequência do uso do termo pode indicar que todos se referem a um mesmo fenômeno.

Esse fenômeno não é algo fixo, muito pelo contrário, é uma circunstância que pode ser modificada ao longo do tempo, o que deveria nos impedir dizer que um aluno é fracassado. Talvez ele esteja abaixo do esperado para ele, mas não significa que ele é um fracasso.

Conforme Baeta (1992):

Se o fracasso escolar se mantém por tanto tempo, é preciso contextualizá-lo e historicizá-lo para tirar-lhe o caráter de fenômeno natural que, por ser esperado, já que é natural, não é problematizado nem questionado. P. 18

O fracasso escolar ou a dificuldade de aprendizagem não pode ser compreendido de forma dicotômica nem simplista responsabilizando só a escola ou só a família. No que diz respeito à esta questão Souza(2001) diz:

Entende-a (a queixa escolar) como aquela que tem, em seu centro, o processo de escolarização. Trata-se de um emergente de uma rede de relações que tem como personagens principais, via de regra, a criança/ adolescente, sua escola e sua família. p. 100

Pain (1985) apresenta um ponto de vista muito elucidativo ao dizer que a aprendizagem está ligada com fatores orgânicos, específicos, psicógenos (psicológicos) e ambientais. Portanto, não é novidade o caráter multifatorial da aprendizagem.

Quando, tanto a família quanto a escola, percebem que algo não vai bem com um aluno e dão à expressão de dificuldade de aprendizagem, o procedimento mais fidedigno para entender o que se passa com essa criança é buscar compreender a enorme dimensão dos fatores envolvidos na situação. Uma avaliação completa e fidedigna deve comprometer-se a investigar todos esses âmbitos da aprendizagem e da constituição da subjetividade, citados por Pain.

No que diz respeito ao aspecto orgânico da aprendizagem pode-se dizer que as funções do próprio organismo são envolvidas neste processo. Por exemplo, alteração na audição, na visão, na anatomia fisiologia, no sono, no funcionamento glandular e na alimentação podem acarretar em dificuldade de aprendizagem. Esses fatores podem ser mais facilmente observados quando há um encaminhamento aos médicos competentes, os quais por sua vez solicitam exames específicos para a realização do diagnóstico diferencial.

Por outro lado, os fatores específicos são aqueles que englobam adequações perceptivo – motora, condições cerebrais e lateralidade, por exemplo.

Já os ditos ambientais se referem ao ambiente em que o escolar está inserido. A escola faz parte deste fator. A preparação dos professores, a capacidade de estimulação, de lidar com o aluno tal como é e não com o aluno tal como os professores gostariam que ele fosse. O ambiente escolar é indubitavelmente importante não só na motivação dos alunos como para prover condições mínimas que favoreçam o ensino, embora seja posto de lado muitas vezes, este fator é tão determinante quanto os outros.

Os fatores psicógenos ou psicológicos são os que comumente consideramos e conhecemos como sendo decorrentes de: questões da dinâmica familiar, de traumas, de conflitos importantes, questões de ordem mais afetiva, por exemplo. Nesse caso, a criança pára de aprender pela dificuldade de dar conta dessas questões.

É possível perceber uma visão atual que toma as dificuldades de aprendizagem como fenômenos complexos, com multideterminações. Sobre isso Baeta (1992) pontua:

Mais recentemente, explicações psicogenéticas mostram que a questão da dificuldade de aprendizagem é bem mais complexa na medida em que resulta de situações vivenciadas pela criança ao longo de seus contatos interpessoais em contextos sócio-culturais
p.19

Há diversos processos envolvidos no “não-aprender”. Todavia esse não aprender as vezes aparece como sendo o contrário de aprender, o qual por sua vez apresenta-se como algo “ruim” . Porém, sobre isso Pain (1995) discorda e diz:

A hipótese fundamental para avaliar o sintoma que nos ocupa é não considera-lo como significante de um significado monolítico e substancial, mas pelo contrário, entende-lo como um estado particular de um sistema que, para equilibrar-se precisou adotar esse tipo de comportamento (dificuldade de aprendizagem) que merecia um nome positivo, mas que caracterizamos como não-aprendizagem. Dessa forma, a não aprendizagem não é o contrário de aprender, já que como sintoma está cumprindo uma função positiva tão integrativa como a desta última (...) p. 28

Nesse mesmo sentido, Pain (1995) cita o exemplo da criança que utiliza o não aprender para contar com o carinho dos pais, isto é, parar de aprender pode trazer para a criança a atenção que ela sente falta, a dedicação dos pais para com ela, o comprometimento deles com a função paterna e materna, por exemplo. Portanto, podemos compreender que os problemas

escolares funcionam como um sintoma, o qual deve ser olhado como tal e não como uma queixa pontual e apenas dedicada à escola ou somente à família.

Neste mesmo sentido, ao fazer um apanhado geral das pesquisas feitas no Brasil envolvendo o fenômeno em questão, Angelucci, Kalmus, Paparelli e Patto (2004) percebem que essas podem ser agrupadas da seguinte forma:

- aquelas que atribuem o fracasso escolar aos problemas psíquicos, culpabilizando a criança e os pais;
- as que atribuem à um problema técnico, culpabilizando o professor;
- pesquisas que atribuem à questão institucional, a escola como uma instituição que exclui;
- aquelas que atribuem à questões políticas, com foco nas relações de poder.

Assim, fica claro que as pesquisas que envolvem essa temática acabam por responsabilizar só uma das muitas instâncias envolvidas no fenômeno, de modo a reduzi-lo e não reconhecer suas multideterminações.

CAPÍTULO XI:

Luto

Por muitos anos a cultura legitimava as manifestações públicas de luto, ou seja, as pessoas enlutadas mostravam publicamente a perda de algum ente querido através das vestimentas e muitas vezes do isolamento social.

Hoje em dia, esses sinalizadores de luto não são utilizados com tanta frequência e, então, esses costumes caíram em desuso.

Isso não quer dizer que o luto tenha sido eliminado da sociedade, embora a maneira de olhá-lo de fato se modificou. Na contemporaneidade, principalmente nas grandes cidades, o cotidiano, o grande volume de tarefas, compromissos e atividades convocam as pessoas que perderam algo/alguém estimado à vida, muitas vezes semelhante à vida que levavam antes do falecimento dessa pessoa.

Juntamente ao cotidiano, o culto ao bem-estar que se manifesta por meio de medicamentos e práticas alternativas, por exemplo, busca anular esse sofrimento desautorizando a pessoa enlutada de viver seu próprio luto. Por isso, cada vez menos nos deparamos com pessoas vestidas de negro ou isoladas em suas casas após o falecimento de alguém amado.

Por outro lado, embora haja um olhar diferenciado ao luto na contemporaneidade não quer dizer que não existam pessoas enlutadas e que o luto não evidencie o sofrimento diante do objeto perdido.

No entanto, o que é o luto?

Tendo como base o texto de Freud “Luto e Melancolia”, é possível pensar o luto como um processo vivido por uma pessoa após a perda de um objeto amado, no qual a pessoa investia grande parte de sua libido.

Quando um sujeito se relaciona com outro investe libidinalmente neste e, por algum motivo, este é perdido, seja, por exemplo, por uma morte efetiva, o sujeito se vê obrigado a lidar com uma questão nunca fácil e que exige uma elaboração. Ao perder o objeto toda a libido investida outrora neste fica sem destino, como que paralisada, porque se por um lado a realidade fornece um dado de que aquele objeto não está mais ali e não se apresenta como possibilidade de relação e por isso de investimento libidinal, por outro lado há o desejo de recuperar esse objeto perdido, mantendo o investimento nele. Portanto, mesmo que a realidade opere de maneira eficaz há a tentativa, ainda que fracassada, de negar esse dado de realidade que confronta o sujeito com a perda, com a não mais existência do objeto. Porém, é importante ressaltar que o objeto sempre é interno e externo, ou seja, o objeto sempre é introjetado e significado pelo sujeito, de modo que a existência do objeto transcende a existência real calcada na realidade.

Ainda que tenha consciência dessa perda o sujeito reluta em abandonar o objeto perdido, de modo que a libido não consegue ser investida nesse objeto justamente porque ele não mais existe e também não consegue encontrar outros objetos no mundo, porque ainda há o desejo de negar essa falta.

Dessa maneira, pode-se compreender o porquê o mundo, da pessoa em processo de luto, se apresenta tão desinteressante. Esse modo de ver o mundo após a perda do objeto amado é decorrência de uma libido que ainda não consegue fluir e encontrar outros destinos possíveis.

No entanto, não quer dizer que a pessoa jamais conseguirá encontrar outros destinos para sua libido, mas é importante compreender que por algum tempo o mundo se mostrará desinteressante. A elaboração do luto se mostra fundamental para fazer a passagem da libido “presa” e paralisada no objeto já perdido para outros objetos. Leva um tempo para que o sujeito enlutado consiga investir novamente em outros objetos o que resignificaria esse mundo que durante o luto se mostra vazio e pobre.

Neste mesmo texto, Freud discorre sobre a melancolia apontando que o melancólico, assim como o enlutado, se desinteressa pelo mundo, porém apresenta uma característica muito diferente do luto que é a perturbação da auto-estima.

Ao contrário do luto, a perda na melancolia é inconsciente. Sobre o objeto perdido que o sujeito desconhece Freud afirma:

Isso (não poder conscientemente receber o que perdeu), realmente, talvez ocorra dessa forma, mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém. Isso sugeria que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda. p. 251

Seguindo as idéias apresentadas por Freud no texto mencionado, a questão da auto-estima reaparece, como distinção importante entre luto e melancolia. Porque, segundo Freud, na melancolia, a pessoa ao depreciar-se e mostrar um elevado grau de repreensão a respeito de suas atitudes, personalidade e aparência, evidencia um ego pobre e vazio.

Essa aparente desvalorização do ego é, na verdade, a desvalorização do objeto amado, o sujeito atribui essa inacessibilidade a uma falta de si mesmo. Dessa maneira, é possível compreender que havia investimento libidinal no objeto, porém esse investimento retorna ao ego tratando-o de maneira pobre e vazia.

Nessa situação é possível perceber a fixação do sujeito no objeto, que não consegue dar outros destinos possíveis à libido, voltando-a para o eu. É de certa maneira uma dificuldade, assim como o luto, de reinvestir no mundo. Com a diferença que o luto é um momento e não um estado patológico.

Todas as pessoas passam por momentos de luto durante a vida porque de uma forma ou de outra, por diversas razões, perde-se o objeto amado e é necessário que haja uma elaboração sobre essa perda para que outros objetos se mostrem interessantes e mereçam o investimento libidinal.

CAPÍTULO XII

A Entrevista

Marta chegou quinze minutos atrasada para o encontro. Chegou muito ansiosa, como se estivesse apressada para chegar a tempo na Clínica.

Assim que chegou, nós nos dirigimos à sala reservada para a entrevista, onde os objetivos da pesquisa foram esclarecidos, o termo de consentimento foi apresentado e foi pedida a permissão para gravar a entrevista.

Marta ficou o tempo todo com a bolsa no colo, mas se mostrou muito disponível e solícita desde o começo.

- Marta, estamos aqui pra realizar uma pesquisa de conclusão de curso de psicologia, na qual eu estou estudando como uma família vive a ida do filho a escola, como é essa vida escolar para a família. E pra isso escolhi uma família, no caso a sua, para ouvir e me contar como está sendo essa escolarização. Eu vi que você está aqui porque o Pedro está tendo algumas dificuldades e você está buscando a ajuda da clínica. Queria que você me contasse de como está sendo para você, como foi para você essas dificuldades...

-Eu já numa parte não sou uma mãe muito presente, né ? Sou viúva, tenho três filhos... Crio eles sozinha, né ? Não sou muito presente por quê? Porque eu trabalho...mas sempre estou por perto, quando precisa de reunião, participo de... de na escola tem... reunião de pais e mestres...que falam tudo que acontece na escola... Em todas as reuniões eu estou presente.Todas! E sempre quando é preciso de... correção, de castigo, quando me chamam eu estou presente, nas reuniões eu também estou. Eu acho que o fundamental, de todo ser humano, de toda criança, da educação da parte da escola é ir lá mesmo.

Quando, o caso do meu filho né,como já entrou na primeira série com problema né, porque o pai dele faleceu, ele já entrou com dificuldade pra ler,

escrever, pra tudo. Por isso que eu estou aqui, né? Porque ele passa na pedagoga e vai começar a passar na parte da terapia também, é pra ajudar ele nessa parte e eu acho que depois que eu comecei a trazer ele aqui ele melhorou muito..

- O que acontece com ele? Por que você o trouxe aqui?

- Assim, no início, na primeira vez, quando ele começou a ir pra escola grande, ele tinha muita dificuldade em todos os sentidos, na parte de convivência com outras crianças, ele era muito agressivo, isso depois que ele perdeu o pai, né? Ele ficou muito agressivo com as crianças, ele chutava, ele batia, ele não... assim... na parte de alfabética, ele não conseguiu se alfabetizar... e agora ele já está na quarta série, né? Na terceira série ele tinha muita dificuldade de ler, não sabia ler, agora ele já está lendo mais, já tem aquela liberdade com as crianças, não bate, batia. Até em casa ele mudou muito o comportamento dele. E isso começou a melhorar mais depois que eu trouxe ele pra cá. Porque o tempo que eu teria disponível para ficar com eles eu não posso porque eu trabalho, né? E aí eu tiro um tempo livre pra poder vir com ele. Pra ele já é até um divertimento. Mas hoje ele não quis vir né? Porque de manhã ele estuda e a tarde ele fica no CJ, que lá tem tudo: recreação, reforço, piscina, tem tudo. Como hoje tinha uma atividade, que na quarta-feira tem reunião, aí ele tinha que fazer umas lembrancinhas, alguma coisa assim, aí não deu pra ele vir hoje.

- Ah tá.

- Mas assim, eu acho que ele melhorou bastante. Que a mente dele abriu mais pra escola, as mochila, já tem mais aquela responsabilidade, aquele gosto pela escola, e antes ele não tinha. Mas no ano passado ele teve dificuldade né? A professora chegou a bater nele... Ele não queria mais ir pra escola. As psicóloga aqui chegou a ir na escola pra resolver esse caso né? Daí graças a Deus esse ano não tive problema nenhum.

- Mas quando a senhora começou a perceber que ele tinha algumas dificuldades como a senhora se sentiu?

- Como eu fiquei gestante de três meses do meu filho, do bebê, quando meu esposo morreu, eu estava grávida, né? E fez com que ele ficasse agressivo. Ele achava que a “perca” do pai era culpa do bebê, aí ele era agressivo em casa com o bebê...era agressivo com minha outra filha que hoje tem doze anos... Aí isso aí tudo, a agressividade, as professoras achavam que era o motivo dele pra chamar minha atenção. Aí na escola ele fazia a mesma coisa, pra chamar a atenção das professoras ele fazia a mesma coisa com os alunos. Ai elas resolveram me dar o endereço daqui e eu começava trazendo ele.

-Entendi. Mas quando você percebeu essa agressividade dele o que você pensou?

- Pensei que era resposta mesmo né? Como ele participou de tudo, tudo influenciou a mente dele, deu tipo um bloqueio, na parte da “perca” do pai... Depois de um ano ele perdeu a avó também... Foi como se tivesse bloqueado. Agora mesmo ele melhorou bastante, tanto na parte de casa, da escola, ele copia tudo os caderno dele é bem organizado, mas há uns dois anos atrás ele tinha muita dificuldade.

- Quando você começou a perceber essas dificuldades você ficou preocupada? Como é que foi para você?

- No começo eu fiquei muito preocupada, né? Como eu sou evangélica eu sempre levo eles pra igreja, tudo, mas eu via que não tava resolvendo, né? Aí eu cheguei a comentar com a professora dele. Porque a professora dele da segunda série era amorosa, carinhosa, mas a da terceira foi essa né? Que chegou a bater nele... ela era muito agressiva com ele... Chamava ele de burro, e eu ia percebendo que ia dificultando ainda mais a dificuldade dele na escola.

- Como foi essa história da professora bater nele?

- Ela alegou que ele estava de brincadeira na sala com outra criança, mais um coleguinha dele, e ele chegou a xingar ela, foi o que ela falou né? Ele falou que não falou. Ela chegou a falar que ele era doido porque passava no psicólogo e começou a xingar o pai dele... Aí quando falou do pai ele fica agressivo. Ele até falou chorando né? Que ela pegou ele pelo braço, levantou ele, fez isso com ele, inclusive ele não queria mais ir pra escola, foi aí que as meninas daqui foram na escola. Aí eu exigi que tirassem ele da sala né? Porque eu ia ter que tomar outras providências né? Aí resolveu tudo.

- O pai dele faleceu do que?

- Ele tinha só um pulmão, tinha doença respiratória.

- E quantos anos Pedro tinha?

- Cinco anos. No ano seguinte ele foi pra primeira. Começou na escola. Começou com dificuldade.

- Como eram seus sonhos, suas expectativas pra Pedro?

- Pra mim o Pedro foi um menino mimado, o pai mimava muito... Desde pequenininho ele era muito travesso, muito danado, sempre foi um menino bagunceiro, mas não agressivo. Até comigo ele foi agressivo, e ele não era. Foi aí que eu percebi que ele estava mudando o comportamento, né? Por causa da agressividade, ele chegou até a agredir o bebê, chegou a queimar o bebê. E eu percebi que ele estava com problemas mesmo, tinha que ser psicológico mesmo. Tinha que ir no psicólogo mesmo.

- Mas o que você pensava quando ele começou a apresentar esses comportamentos?

- Eu sempre imaginei que ele precisava muito de ajuda e a ajuda que ele precisava eu não tinha, não era capaz de dar pra ele, não tinha como eu dar

pra ele. Tinha que recorrer à ajuda de alguém, né? Como a escola não estava resolvendo né? Eles mesmos resolveram passar pra uma clínica que estivesse capacitada de ajudar nesse caso, né?

- Quais são seus planos pro futuro do Pedro?

- Meu desejo é que ele estude, faça um curso, porque a hora que eu não estiver mais aqui pra cuidar dele, ele mesmo construa o sonho dele, realize, porque a gente está aqui hoje, amanhã não sabe se está, né? E ele sempre coloca né? Quando a gente faz planos, conversa, ele sempre fala que quer estudar, trabalhar. Só que assim, ele é uma criança que já teve muito medo. Você vê ele tem nove anos, ele dorme comigo ainda porque tem medo de dormir sozinho. Ele tem muitas coisas que ele precisa... Na parte da terapia, ele vai passar com a terapeuta que precisa ajudar ele, ele passa com a pedagoga que ajuda só na escola. Essa outra que ele vai passar é terapia, né? Pra ajudar ele nessa parte, na parte da perda do pai, né? Eu espero que ajude mais ainda nessa parte aí também, esses medos, que não tem confiança em si mesmo, que ajude ele cada vez mais.

- Pensando um pouco na parte da escola, quando ele nasceu, que era mais jovem, você queria que seus filhos estudassem, pensava sobre isso? Fazia planos...

- Até porque eu sempre tive dificuldade com parte da escola né? Porque eu fui criada com madrasta né? E eu sempre tive dificuldade em aprender a ler igual a ele. Fiz a primeira série duas vezes porque antigamente só passava quem soubesse ler, né? Eu também tive aquele bloqueio na mente que não sabia ler. Tive dificuldade por causa de problemas de família né? Como acontece com ele agora. Como ele colocou na mente a perda do pai bloqueou na parte da escola, né? Por isso mesmo que eu trago ele pra cá, né? Eu me esforço demais. Hoje mesmo eu tinha que estar trabalhando e estou aqui. Por quê? Porque é uma coisa pra ajudar ele né? Na parte tanto da escola quanto terapêutica. Uma coisa que eu não consigo ajudar, mas tem gente que tem mais capacidade, que já está preparada pra ajudar ele nessa parte.

-Quando a escola te chamava o que você sentia?

-Assim, no começo, não vou mentir pra você, eu ficava muito nervosa, chegava até a bater nele, batia muito nele, porque eu via a diferença entre ele e a minha menina que nunca me deu trabalho na escola né? Com ele assim, depois que eu comecei a trazer ele pra cá, eu comecei a perceber que bater não adiantava né? Que eu tinha mais que conversar com ele. Eu também tive “percas”, né? E eu não tinha a preparação psicológica pra ajudar ele né? Aí depois que eu comecei a trazer ele pra cá e que eu fui conversando. Não bate, castiga, tira o que ele mais gosta. Que ele vai começar a perceber que bater não é tudo, não é o jeito melhor de educar. Porque quanto mais eu batia nele, mais ele ficava agressivo. Não que eu batia forte, pra machucar... mas eu ficava muito nervosa com a maneira que ele agia na escola e eu não percebia que ele tava chamando minha atenção. Porque só de eu ir lá, ele já parava. Só da minha atenção ele já ficava contente. Ai depois que aconteceu esse episódio da professora que batia nele, tudo, eu fui percebendo que ele falava a verdade. A professora que era ignorante com ele, tudo... mas ela negou. Ela negou assim, que chamava ele de burro. Mas que bateu ela falou assim que se pudesse teria batido mais. Ela falou assim.

- E o que você sentiu quando ela bateu no seu filho?

- Assim, na hora eu fiquei muito nervosa, né? Eu exigi da diretora que tirasse ele da sala. Porque a vontade dele era que eu tivesse chamado a polícia pra ela, né? Chorou, porque ela... A raiva maior dele era que ela xingou o pai dele né? Por isso que ele foi agressivo assim, na parte de ter respondido a ela. Porque ela tocou um sentimento dele, magoou ele, foi nessa hora que ele falou pra mim: mãe ela me bateu. Eu não sabia que ela tinha batido nele. Nessa hora eu fui na escola, fui muitas vezes, falei pra diretora que se ela não mudasse, já fez isso com outras crianças... se ela não mudasse esse comportamento dela, eu ia ser obrigada a denunciar ela. Mas a diretora me garantiu que ela já mudou o comportamento dela, não está mais agressiva com outras crianças. Porque a diretora também estava a par do assunto né? Apesar

que ela sempre dizia que era mentira do Pedro. Que como ele, desde a primeira série, sempre foi um menino bagunceiro, sempre me chamaram lá, tinha semana que eu ia toda semana, porque ele aprontava demais. Quer dizer que ele não tinha crédito de confiança de ninguém. Só que dessa vez a própria professora confessou, que se pudesse tinha batido mais nele.

- O que você achava de ter que ir toda semana na escola?

- Assim, eu achava que era uma maneira que ele tinha de chamar minha atenção. Eu achava que aquele movimento que eu ia direto era a hora que ele tinha que procurar uma ajuda né? Porque eu mesma me achava impotente de não poder ajudar ele. Eu ainda me acho né? Uma parte eu posso ajudar, mas outra parte não tem como eu colocar tudo dentro da mente dele né? Agora aqui já tem mais como ajudar ele mesmo, né? Nem que seja meia hora, meia hora, uma hora que ele fica aqui, trem alguma coisa que ele pega aqui já melhora o comportamento dele lá na escola. Já melhorou. A outra vez que eu trouxe ele elas já falaram pra mim que ele já melhorou, tá lendo melhor, que ele é inteligente...que ele não tem necessidade de passar no psiquiatra porque o problema não é... de precisar tomar remédio, o que ele precisa é essa auto ajuda mesmo, na parte da escola.

- Quando ele era mais novo, antes de ir a escola, como você imaginava que ia ser a escola?

- Eu imaginava que a escola pra ele ia ser o, igual agora, o começo de tudo, só que não imaginava que ele ia dar tanto trabalho do jeito que ele deu. Começou dando. Só que eu via a dificuldade nele porque ele não fez prézinho, não foi na escolinha, não foi na EMEI, ele já entrou na escola grande de uma vez só. Eu também acho que ele ficou com medo, era muita criança. Chegou a chorar a primeira vez que ele foi na escola... Aquilo mexeu com ele.

- Por que ele não freqüentou a pré-escola?

- Porque lá onde eu moro não tem prézinho, EMEI, só tem escolinha particular, quando ele começou nós não tinha condição de pagar uma escola particular. Entendeu? Porque isso aí já dificultou muito porque com seis anos ele não sabia ler, não era alfabetizado, nada... Não é igual hoje né? Que hoje em dia tem EMEI, tudo de graça né? Lá onde eu moro não tinha.

- Quando ele começou, você se lembra como foi pra você?

- Quando ele começou, na escolinha que ele ia, era o pai dele que colocava ele na escola né? Punha na perua, e ele sempre reclamava que ele lembrava do pai dele quando ele ia na escola... aí aquilo ali foi como se ele não gostasse da escola, como se ir pra escola pra ele fosse uma obrigação, porque eu estava mandando ele ia. Não era porque ele queria ir... Não. Hoje em dia quando eu abro os cadernos dele eu vejo que ele tem mais interesse pela escola. Mas antes ele não tinha. Pra ele era como se fosse um castigo, uma coisa obrigada, hoje não, hoje ele está mais....Já brinca com as crianças, que ele confia, a mente dele já está mais aberta para entender outras coisas... Às vezes ele escreve alguma coisa que eu vou ler e não entendo, mas ele entende, né?

- O que você pensa sobre os estudos, não só para o seu filho, mas o que você acha que é uma criança ir pra escola?

- Eu acho que quanto mais estudar melhor é, né? Eu digo por mim né? Eu tenho 33 anos, hoje eu faço curso, um curso de enfermagem, eu acho que a gente tem que estar se aperfeiçoando, principalmente porque nesse mundo que a gente tá, tem muitas coisas né? As coisas boas e as ruins. As boas começam na escola. No momento que você pega o gosto por ir na escola, você vai querer cada vez mais, evoluindo. Tanto no estudo quanto no futuro né? Porque depende da escola. Eu penso assim né? Já tem muita gente que pensa diferente.

- Com seus outros filhos como foi?

- Assim, a Ana, minha outra filha tinha sete anos quando o pai morreu, então eu nunca tive problemas com ela na escola, ela era ao contrário do Pedro. Já o pequenininho vai pra creche né? Ele fica na creche, tem três anos, vai fazer quatro. E na escola... O Pedro é uma fase que ele está passando, eu acho que se ele ficar sempre vindo aqui, sempre na escola, a tendência é melhorar.

- Você ficou surpresa quando o Pedro começou a apresentar essas dificuldades?

- Fiquei, porque eu não estava preparada, quando chega a morte a dificuldade na vida, quando a dificuldade vem você se sente a pessoa mais sozinha que tem na face da terra, né? Quando três crian.. pessoas dependem de uma só, você vê que cada uma age de uma maneira, pensa de um jeito e todos os três são irmãos, são filhos na mesma pessoa, a gente se assusta! O Pedro, hoje ele é mais calmo, não é tão agitado, é mais carinhoso, ele não era...

- Por que você acha que você se assustou?

- Eu me assustei que eu imaginei que como ele era pequeno, não ia mexer com ele né? Como com ela não mexeu, mas como ele não tinha ... ele já entrou com dificuldades na escola, aquilo ali foi como se não tivesse interesse nenhum, sem importância. Como se ele dissesse: *meu pai morreu mesmo, o que importa? Agora nada importa*. Pela idade dele, cinco anos, era como se ele adocesse muito rápido, né? Passou por um processo difícil. Já a minha menina se entregou aos livros, aos cadernos... À escola. Ela não deixou essa parte interferir na escola, aí que ela estudava mais ainda. Foi uma maneira que ele achou pra eu estar sempre perto dele. Como eu sempre trabalho, uma maneira de estar sempre chamando minha atenção. Eu acho que com tempo... até dois anos atrás eu ia quase todo dia na escola, quase todo dia, já cheguei a querer tirar ele da escola mesmo... porque eu não agüentava mais ... Quando eu chego do trabalho tá tudo copiado direitinho... Tá melhor.

- E com os outros filhos?

- A mais velha não dá problema.

- E o mais novo?

- A ele gosta de ir pra escola. Acho que ele vai ser mais inteligente que o Pedro. Porque pra ele é como se nada tivesse existido... dificulta o assunto né? Pra ele o pai dele é meu pai, chama meu pai de pai, o avô dele, né? Pra ele, ele não conheceu, ele não estava junto. Foi um processo difícil. Já o Pedro como eu falei, ele participou de tudo... Por isso a terapia, pra ele falar sobre esse assunto, se abrir... Pra poder ajudar ele nessa parte emocional.

- Quando você imagina o Pedro daqui uns dez anos, como você o imagina?

- Eu, se eu estiver viva pra ver, eu imagino ele um bom menino. Trabalhando, estudando, acho que é o desejo de toda mãe né? Ver seu filho prosperar, né? Principalmente na parte da escola né? Você termina o colegial mas você tem que ir se aperfeiçoando, né? Fazendo um curso...curso de computação, curso... quando ele estiver com uns 12, 13 anos ele decidir o que quer fazer né? E para isso tem que estudar né? Depende da cabeça de cada um.

- Você diz a ele o quanto você acha importante ele estudar?

- Falo, bastante. As vezes eu falo: *Vem Pedro, vem fazer lição. A mãe tá fazendo trabalho.* Aí eu chamo ele pra fazer também... Ele tem dificuldade na parte dos trabalhos. Ele não tem a conversa, de me contar que tem que fazer trabalho. Não sei se é porque ele menino, tem mais vontade de brincar... Eu percebo que ele é muito preguiçoso na parte da escola. Acho que isso dificultou. Ele gosta muito de jogar bola. Eu não pego mais no pé dele. Não bato. Eu falo: *ó se vier reclamação você já me conhece...*

- Você tem medo que ele volte a ter esse tipo de comportamento?

- Tenho. Eu converso com ele, que ele tem que fazer a lição sozinho, que eu não posso ir sempre na escola... Pra evitar aborrecimento até mesmo pra ele.

- Você estudou?

- Sim.

- Seu marido também?

- Sim.

- Ele se dá bem com os irmãos?

- Sim. Assim, mais com o menino do que com a menina, mas melhorou muito.

- Então você acha que ele melhorou muito?

- Por causa daqui né? Principalmente na escola, tá com vontade de estudar.

- Você se lembra do primeiro dia que levou ele na escola?

- Lembro.

- Como foi?

- Ah, ele chorou. Tinha muita criança na sala, ele ficou chorando. Quando ele viu que o primo dele tinha caído na mesma sala que ele gostou... Ele ficou, porque ele viu que não estava sozinho.

-E como foi vê-lo chorando? O que você sentiu?

- Falei pra ele, que ele não ia ficar sozinho, que o primo dele tava lá, eu ia ajudar ele. Os outros dias foram assim, ele quase que não fica, mas ele ficou. Foi assim por dois três dias.

- O que você pensou nessa hora?

-Que ele estava carente nessa hora, não queria ficar sozinho, não tinha confiança. Quase todas as crianças têm isso.

-Como foi ver seu filho chorando?

-Ah no começo fiquei triste né? De ver que o primeiro dia, pra ele, na entrada dá aquele baque, aquele medo, mas depois foi se acostumando, como tinha o primo ele começou a criar gosto pela escola, ir sozinho com esse primo que mora embaixo.

- Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar? Que acha importante me contar?

- Não.

CAPÍTULO XIII:

Análise da Entrevista

Marta inicia a sua fala dizendo que não é uma mãe muito presente. No entanto, no decorrer de seu discurso podemos perceber que ela está presente junto a seu filho ao olhar os cadernos, participar das reuniões de pais, levá-lo à clínica semanalmente. Portanto, há na fala de Marta a expressão do desejo de ser uma mãe mais presente na vida de Pedro apesar de ter suas possibilidades determinadas por um cotidiano bastante assolado de tarefas.

Esse desejo de ser mais presente na vida do filho, junto com a impossibilidade, atribuída por ela ao trabalho, pode nos levar a pensar em um possível sentimento de culpa por não poder oferecer tudo que gostaria ao filho que passa por momentos de dificuldades. Quando Marta afirma que Pedro começa a melhorar depois de ter começado a levá-lo à clínica da PUC, pode-se pensar em um desejo de reparação, por parte da mãe, da ausência que ela julga existir.

Podemos perceber também que há a repetição de uma história familiar, a dela mesma. Durante a entrevista Marta conta que ela mesma teve dificuldades em aprender a ler e a escrever e por isso ela repetiu a primeira série do ensino fundamental.

Sobre sua própria história, Marta explica essa repetência através das questões familiares que ela vivia na época. Criada por uma madrasta e com dificuldades na família, que Marta não explicitou quais eram, ela também apresentou dificuldades na própria escolarização. Porém, após cursar novamente a primeira série Marta prossegue atualmente com seus estudos até o segundo ano do Ensino Médio. Ela afirma que considera a educação algo muito importante e transformador na vida de uma pessoa e fala que ao cursar, apesar da vida corrida, enfermagem se preocupa com seus estudos e se dedica a eles até hoje. Essa mãe acaba por se identificar com a história de seu filho, à medida que esta é também sua história pessoal.

Quando uma criança apresenta um sintoma, no caso de Pedro a dificuldade de aprendizagem ou os comportamentos agressivos, por exemplo, é importante pensar que ela traz a tona histórias familiares, presentes em outras gerações. Almeida Prado (1999) diz:

O que não se resolve se repete, dizia Freud, e esta afirmação também parece ser válida na família, na sucessão de gerações. P. 82 e 83

Neste texto, Almeida Prado nos conta um pouco sobre o conceito de mito familiar, ou seja, esses mitos são histórias familiares cujas origens, muitas vezes, podem se perder ao longo do tempo. Tais histórias permitem a estruturação da fantasia dos membros da família. No caso em questão pode-se pensar hipoteticamente que talvez haja alguma história familiar sobre escolarização, cuja origem foi perdida, mas que, embora não dita, essa história acaba por se repetir em Pedro como foi com Marta. Almeida Prado conclui:

Deste modo, antes de nascer, a criança ocupa um lugar no aparelho psíquico de seus pais, sua existência sendo, desde então, posta em juízo, e na sua verdade enredando-se com uma rede de mentiras que a precede. P.83

Podemos ver, então, que há autores como Almeida Prado que explicam essa repetição através de não ditos, de crenças inconscientes que determinam as condutas de uma família. Nesse sentido, pode-se pensar que a repetição da experiência escolar de Marta através da vivência de Pedro possa estar permeada por alguma crença inconsciente a respeito da escolarização. Essa crença acaba por estruturar as fantasias dessa família, fantasias que nesse caso estão ligadas aos estudos e ao fracasso destes. Os não-ditos podem também ter a função de poupar os membros da família, nesse caso o filho.

Pedro pode então, através desses sintomas, chamar atenção dessa família para essa crença inconsciente, tornando, por exemplo, Marta capaz de relacionar sua própria história de vida escolar com a de seu filho. É possível

que esses sintomas de Pedro estejam convocando Marta a pensar, a se interrogar sobre si mesma e surge através desse filho a possibilidade de organizar o desamparo e o afeto.

Ela pontua o quanto a perda do marido foi algo significativo na dinâmica da família que construiu e nos conta sua dificuldade em criar sozinha três filhos. Pedro demanda uma atenção extra, como ela mesma coloca em diversas partes da entrevista, e Marta percebe a impossibilidade de poder atender essa demanda como gostaria e nesse sentido deixa de perceber os próprio cuidados que presta ao Pedro, avaliando-os como insuficientes.

Para Marta é muito óbvia e clara a relação das dificuldades de aprendizagem de Pedro com o falecimento do pai. Para ela, seu filho realmente foi bloqueado de aprender devido à essa perda. Essa explicação nos revela a importância que a falta tem para Marta. De acordo com seu discurso podemos pensar que as questões desse filho vêm da falta que Marta não gostaria que houvesse.

Até mesmo nos relatórios do psicodiagnóstico e da pedagogia, constantes do prontuário de Pedro, pode-se perceber o quanto essa explicação materna sobre a etiologia das dificuldades deste se repete. Através destes relatórios e da anamnese é possível entrar em contato com o quão significativa foi a morte do pai (e não seria esperada outra coisa). Marta relata que seu marido possuía uma doença respiratória: ele só tinha um pulmão, e esta questão o impossibilitava de trabalhar. Sendo aposentado, João, pai de Pedro, passa seus dias em casa com os filhos. A mãe conta que João acaba por ser o “responsável” pelo afeto dos filhos. Esse pai sempre aparece como amoroso, companheiro de Pedro, função que Marta foi compelida a assumir após a morte de seu marido o que naturalmente desqualifica o seu próprio modo de ser afetiva para com os filhos. De certo modo, seu marido era a sua tranquilidade de que seus filhos estariam amparados, nas suas ausências, determinadas pelo trabalhar fora de casa e sua morte a deixa desamparada.

Na anamnese foi examinada a questão da gravidez. Pedro nasceu em um momento de dificuldades financeiras da família, que se viu obrigada a morar com os pais de João na mesma casa. Além da questão financeira que aparece como fator interveniente nas vicissitudes familiares, Marta tinha, na oportunidade, uma filha pequena, com dois anos, e sua sogra que morava na mesma casa estava doente.

Como Marta trabalhava e deixava seus filhos em casa com os avós e com o pai, ela se liberou desse filho por achar que havia suporte. Porém, as pessoas cuidadoras de Pedro estavam doentes e acabaram falecendo o deixando sem figuras de referências. Marta acaba por supor que estava amparada pelo marido e pela avó de Pedro, o que não foi descuido de sua parte, mas teve impactos na relação dela com Pedro.

Tudo isso leva Marta afirmar que era um período conturbado de sua vida, que ficou deprimida após o nascimento de Pedro e como consequência Marta se viu impossibilitada de amamentar seu filho, pois não produziu leite – sentia-se e realmente estava “seca”. Pedro então, foi amamentado por leite em pó. Para um bebê, ter suas primeiras relações com uma mãe deprimida influencia e muito na constituição de sua subjetividade, contribuindo para um incremento de suas ansiedades destrutivas. Tais podem ser percebidas, por exemplo, nos comportamentos agressivos de Pedro com os colegas da escola ou até mesmo com os irmãos.

Com esse filho não foi possível atuar do jeito que Marta gostaria desde o começo. Podemos entender, então, porque Pedro demanda tanto a atenção da mãe, uma vez que desde seus primórdios, a mãe não dá conta de toda demanda desse filho.

Trazendo para o presente, pode-se perceber que o que Marta fala como sendo “para chamar à sua atenção” é uma denuncia de que a atenção que ela dá a esse filho para ele não é suficiente. Não que ela dê ou não dê atenção ao filho, mas que para esse sujeito específico a atenção que ela lhe oferece ainda é insuficiente, ainda falta.

Pedro não está conseguindo lidar sozinho com a falta. A falta do pai, da avó e a falta de atenção desejada da mãe. Com seus sintomas ele evidencia o seu sofrimento diante da frustração e sua dificuldade de dar conta de todos esses eventos sozinho. Além do falecimento do pai, Pedro se deparou com o falecimento da avó, uma figura importante em sua criação, uma vez que ela ficava em casa com ele enquanto sua mãe trabalhava. Essa morte faz com que Pedro tenha que elaborar o luto sucessivo, ou seja, um luto em seqüência de outro o que se mostra difícil para ele.

O fato dos falecimentos terem ocorrido por volta dos cinco anos, período importante no desenvolvimento infantil, em que a existência de figuras de referências é algo fundamental na constituição da subjetividade, é possível compreender que a elaboração desses lutos pode se tornar ainda mais difícil para Pedro.

Juntamente com a explicação de que a morte do pai desencadeou as dificuldades de Pedro, Marta ainda consegue eleger a tardia escolarização como um componente importante nos sintomas de Pedro. Para essa mãe o fato de Pedro não ter freqüentado escolas antes do ensino fundamental está relacionado com sua dificuldade de viver a escolarização. Marta possui uma certa dose de razão nesta atribuição, devido a questões concretas como o fato de não haver CEI, EMEI perto de sua casa, a sua vida estar muito atribulada por dificuldades financeiras, morte do marido, por exemplo. Por não ter outra escolha senão renunciar a um valor que lhe é próprio: educação, e por não ter podido levar o filho ao ensino infantil e, por isso, ter deixado de ampliar seu universo social, fez com que Pedro se tornasse ainda mais dependente do relacionamento familiar, sendo a família a provedora de todas as suas necessidades.

A inexistência de CEI ou EMEI perto da casa dessa família evidencia uma falha do Estado, incapaz de prover o que lhe é esperado, educação a todos. Essa falha do Estado, juntamente com a existência de cuidadores em sua casa, avós e pai, fez Marta acreditar que Pedro estava amparado.

A falha também se dá na escola atual de Pedro, ao bater na criança, o que representa dificuldades em lidar com uma criança enlutada.

Marta aponta que, por vários motivos, ela não conseguiu ampliar o universo de seu filho da maneira desejada. Sobre esse “equívoco” Marta o tenta reparar introduzindo seu outro filho mais novo na escola antes do ensino fundamental.

Uma informação que pode corroborar esse dado é o relato de Marta que Pedro sente muito medo. Segundo a mãe, o filho sente tanto medo que precisa dormir com ela e que ela acaba acatando. Esse dormir junto, que Marta na anamnese do psicodiagnóstico afirma gostar, pode evidenciar a dificuldade que ela tem de propiciar ao filho um espaço para seu próprio crescimento. Há, então, em Pedro a recusa de crescer, a vontade de permanecer nesse lugar de ser cuidado e olhado pela mãe.

Quando Marta afirma gostar de dormir com o filho pode-se inferir que ela gosta desse lugar infantil que ele ocupa, que ela também não quer que ele cresça e, ainda, que seu filho precisa dela para se sentir seguro.

Nesse sentido, podemos perceber que Pedro não possui um espaço próprio dentro dessa família, situação que se inicia já em seu nascimento e perdura até hoje. Pode-se perceber o quanto essa família estava submersa em eventos, como morte do pai, gravidez da mãe, dificuldades financeiras, doenças na família, e não sobrava espaço para o olhar, que se fazia, apesar de tudo, necessário para o Pedro.

Nos relatórios anteriores há o fato de Marta ter dito que seu filho mais novo também dorme em sua cama. Marta se refere à sua religiosidade oferecendo uma explicação à morte do pai e ao nascimento deste outro filho, que possui o mesmo nome do pai, aos filhos, dizendo que “Deus enviou Juninho para ficar no lugar do pai que era doente” (sic).

Essa fala faz pensar no papel da religião, evangélica, na dinâmica dessa família. Percebe-se que nesse momento de sofrimento, Marta recorre à igreja para aliviá-lo e lá consegue explicações que mantêm essa família no mesmo lugar, ou seja, deixam Pedro com mais raiva do irmão, chegando a queimá-lo com um isqueiro conforme o relato da mãe. A crença religiosa de que o irmão mais novo é o escolhido para substituir o pai não ajuda nem Pedro, nem a família, na elaboração do luto, a lidar com a falta de alguém muito amado.

Outra questão que surge a respeito dessa explicação sobre a morte do marido e nascimento do filho é a necessidade que Marta tem de sentir, mesmo através do filho mais novo, seu marido vivo e presente dentro de casa, dormindo ao seu lado.

Ao relatar que Pedro chegou até mesmo a queimar o filho mais novo, Marta nos revela que Pedro não está elaborando o falecimento do pai e se incomoda com esse lugar que o bebê ocupa na família de ser, de alguma maneira, o pai perdido.

Ao se deter aos lugares ocupados dentro dessa estrutura familiar, podemos pensar que a filha mais velha, até mesmo por seus anos a mais que Pedro, consegue lidar com a situação de maneira diferente. Porém, embora Marta não nomeie nenhuma questão e essa filha não seja o foco desse trabalho, podemos supor que quando Marta diz que após a morte do pai, Ana se dedicou ainda mais aos estudos, ela está dizendo que a filha também não está podendo entrar em contato com a perda do pai, de um jeito diferente de Pedro, mas a elaboração deste luto pode estar sendo difícil para ela também. Esse dedicar-se muito aos estudos após o falecimento nos levanta a hipótese de um mecanismo de defesa, ou seja, que Ana precise se refugiar nos livros e nos estudos para lidar com a situação difícil que vive.

Por outro lado, o filho mais novo se encarrega de trazer o pai morto à vida simbolicamente. A família ainda vive na sombra do falecido, à medida que se atribui ao filho mais novo a tarefa de trazer a vida à família e ainda, lhe dá o mesmo nome do marido falecido. Portanto, Marta apresenta os lugares de Ana

e de Júnior na estrutura familiar e Pedro aparece como o filho com dificuldades, lugar este que talvez seja o único que ele consiga ocupar nesse momento.

A falta se apresenta como uma questão importante no funcionamento dessa família. Primeiramente, os comportamentos de Pedro sugerem uma grande dificuldade de lidar com limites. Por exemplo, ao bater nas outras crianças e não respeitar as regras e ordens da escola, que a mãe se refere a ser “bagunceiro”. Portanto, a “bagunça” que Pedro faz se relaciona com a dificuldade que este menino tem de compreender a ordem, o limite.

Nesse mesmo sentido, Pedro teve grande dificuldade na alfabetização, exercício que exige por si mesmo uma submissão às regras da língua e da gramática que são impostas e inflexíveis. Esse filho vem, então, denunciar que devemos pensar o lugar que o limite tem nessas relações.

A alfabetização é um momento importante na constituição da subjetividade, porque introduz o sujeito para além da linguagem verbal, mostrando como o mundo simbólico é estruturado. Essa estruturação requer muito desse sujeito, pois não é tarefa fácil. É necessário que essa criança já tenha conseguido elaborar a existência de uma lei que rege e regula a sociedade e que se submeta à existência de leis, isto é, que compreenda que não é possível agir apenas de acordo com seu próprio desejo.

Na alfabetização isso fica bem claro, uma vez que muitas palavras são escritas sem uma lógica e sim por uma lei, que estabelece que seja daquele jeito e não de outro e que, se ele quiser fazer parte do mundo da escrita e da leitura não poderá agir como quiser, deverá se submeter a essas regras em prol de compreender e ser compreendido.

Além do mais, é importante que o recalque opere em algum sentido. Por exemplo, para a leitura é necessário que se recalque o formato e o desenho da letra para conseguir compreendê-la como palavra. Outro recalque importante é o do som da letra individual. É necessário que esse som individual ceda lugar ao som das sílabas e por fim das palavras inteiras.

Neste caso, percebe-se que Pedro não consegue se submeter às regras da escrita e da leitura. Ele tem muita dificuldade, assim como Marta também teve em sua infância, de se introduzir no mundo partilhado da leitura e da escrita, e acaba não adentrando nesse território devido, também, à sua dificuldade de compreender a estruturação desse mundo com regras e leis.

Por todos esses fatores abordados aqui, conclui-se que Pedro precisa de fato de um acompanhamento psicoterapêutico, uma vez que seus sintomas evidenciam a presença de sofrimento. Esse sofrimento transcende a escola pelo fato destes se remeterem também às questões presentes na dinâmica familiar e de sua própria subjetividade. Pode-se dizer então, que essa criança está passando por um momento de luto e que suas dificuldades na escola, tanto de aprendizagem quanto de comportamento, se referem às questões que não cabem apenas à escola pensar e intervir.

Sobre esse aspecto Pain (1995) afirma, ao falar dos fatores psicógenos da dificuldade de aprendizagem, que:

Convém então diferenciar duas possibilidades para o fato de não aprender: na primeira, este constitui um sintoma e, portanto, supõe a prévia repressão de um acontecimento que a operação de aprender de alguma maneira significa; na segunda se trata de uma retração intelectual do ego (yo). Tal retração acontece, segundo Freud, em três oportunidades: a primeira, quando há sexualização dos órgãos comprometidos na ação, por exemplo, a inabilidade manual associada à masturbação; a segunda, quando há evitação do êxito, ou compulsão ao fracasso diante do êxito, como castigo à ambição de ser; e a terceira, quando o ego (yo) está absorvido em outra tarefa psíquica que compromete toda energia disponível, como pode ser o caso da elaboração de um luto. P. 31

Assim, é possível compreender as dificuldades atuais de Pedro como uma impossibilidade de investir, o suficiente para atingir as expectativas, nas suas tarefas escolares. Dessa maneira, se torna difícil o aprender, uma vez que a energia necessária para a realização desse fenômeno não está disponível.

No discurso de Marta aparece também o fato do pai ter sido o responsável por levar o filho à escola, mesmo que fosse colocá-lo na perua. Após a morte do pai, Pedro passa a não querer mais ir à escola, a mãe se refere como se Pedro não gostasse mais da escola. A mesma autora citada acima, explica que pode acontecer uma evitação do “lugar indicado pela cicatriz”, ou seja, o lugar pode representar um certo perigo que deve ser evitado pelo sujeito, podendo ser vivido como inibição ou como exacerbação - fobia.

O diagnóstico elaborado na clínica aponta que Pedro está vivendo um momento de luto. Esse ponto de vista corrobora o discurso de Marta que nos mostra o quanto Pedro valoriza o pai, dizendo que : *A raiva maior dele era que ela xingou o pai dele né? Por isso que ele foi agressivo assim, na parte de ter respondido a ela. Porque ela tocou um sentimento dele, magoou ele, foi nessa hora que ele falou pra mim : mãe ela me bateu. (sic).*

Essa fala nos mostra uma característica inerente ao luto, a valorização do objeto perdido. Entende-se por objeto esse pai, muito valioso para Pedro, um pai afetuoso com o qual ele mesmo estava muito identificado. Pedro perdeu então um objeto de enorme apreço e está, através da super valorização, tentando elaborar essa perda tão difícil para ele.

CAPÍTULO XIV:

Considerações finais

Essa pesquisa se propôs a compreender a experiência de uma família moradora da cidade de São Paulo. Família monoparental, ou seja, apenas a mãe é a figura de referência dessa devido ao falecimento do outro genitor.

A entrevista foi realizada na Clínica Escola Ana Maria Poppovic, em Março de 2010, teve a duração de cinquenta minutos.

Por meio da entrevista com a mãe, pode-se analisar a experiência dessa família acerca da dificuldade de aprendizagem de um dos filhos que está inscrito na clínica já citada.

A partir da entrevista, pôde-se perceber algumas questões importantes que corroboram a literatura sobre a escolarização dos filhos.

Um ponto relevante é a repetição de histórias familiares. No caso escolhido é possível perceber que Pedro acaba por reviver a história de escolarização de Marta, mesmo que com suas particularidades ainda é possível perceber a reprodução da mesma temática- dificuldade de aprendizagem- nessa família.

Essa repetição pode ocorrer mesmo que a história original não seja conhecida, pois há a transmissão do não-dito familiar, isto é, questões familiares que mesmo que não estejam presentes no discurso consciente dos sujeitos envolvidos acabam sendo reveladas em outro âmbito, uma vez que desejos inconscientes são fundamentais para a constituição da subjetividade. Portanto, o desejo de se ter um filho contém elementos que delimitarão o lugar de cada pessoa na família, o qual é permeado por histórias de outras gerações.

Além da repetição da própria história materna, Pedro nos revela a dificuldade que Marta teve e talvez ainda enfrente de olhar para esse filho da maneira que ele demanda e construir em conjunto com ele seu lugar dentro da dinâmica familiar.

O lugar de cada um dentro da dinâmica familiar é uma questão de grande importância, uma vez que será a partir desse que a constituição subjetiva se dará e poderá fornecer condições para que cada filho busque sua alteridade, a apropriação do próprio desejo.

Devido à dificuldade de Marta, depressão pós parto, falecimento do marido, dificuldades financeiras e outros pontos importantes para essa mãe, Pedro está com dificuldades de encontrar seu lugar na família.

É evidente a presença do luto nessa família. Tanto por Marta quanto por Pedro o falecimento desse pai se apresenta como uma questão de difícil elaboração, e não se espera o contrário, que está demandando maior atenção à Pedro. Mesmo que através de sintomas escolares, a primeira demanda formulada por Marta, a evidência da necessidade de um olhar mais cuidadoso para esse filho, se apresenta com muita intensidade.

Apesar das dificuldades escolares aparecerem em primeiro plano, pode-se perceber questões comportamentais presentes tanto na escola quanto em casa. Pedro se mostra muito agressivo com os colegas da escola e até mesmo com os irmãos. A agressividade também evidencia a dificuldade de lidar com certas questões presentes na dinâmica familiar.

Pedro claramente busca valorizar o pai, como se buscasse enfatizar o valor do objeto amado que foi perdido, neste caso devido ao falecimento do pai. A elaboração dessa perda é essencial para que Pedro consiga reinvestir em outros objetos que o mundo lhe apresenta: a escola, os colegas, o conhecimento, os irmãos, etc.

Por outro lado, Marta nomeia a inexistência de escola de educação infantil perto de sua casa, o que acarretou na impossibilidade de Pedro freqüentar ambientes educacionais antes do ensino fundamental, como algo a ser considerado em suas dificuldades escolares. De alguma maneira a mãe revela que a inserção do filho na escola foi tardia.

Todos esses fatores explicitados acima corroboram a idéia elaborada por Pain do caráter multifatorial das dificuldades de aprendizagem e ainda, apontam a necessidade de um olhar cuidadoso e uma escuta atenta para a dinâmica familiar, a qual pode nos oferecer pistas importantes para a compreensão desses sintomas.

Marta aponta que Pedro não tem interesse pela escola, que não sentia vontade de ir, que o fazia como uma obrigação. Além dos fatores já trabalhados pode-se perceber uma dificuldade de Pedro em sair do universo familiar e adentrar em espaços mais coletivos. Um comportamento que corrobora essa dificuldade é o fato de Pedro dormir com Marta. É possível pensar, que ao relatar que gosta de dormir com o filho, Marta se coloca como precisando desse filho, o que acaba por dificultar ainda mais que Pedro possa ampliar seu universo.

A dinâmica familiar muitas vezes acaba por não facilitar que cada um encontre seu lugar próprio, é o que acontece com Pedro que acaba fazendo sintomas que possibilitem que ele seja olhado.

Não apenas por parte dos filhos, mas é possível que seja uma questão complicada para a mãe a construção desse espaço próprio do filho dentro de casa e no mundo como um todo.

Fica claro que este caso ilustra questões teóricas importantes, apontadas por muitos autores, como o caráter multifatorial dos sintomas de aprendizagem, o sentido de um sintoma, a constituição da subjetividade, o filho enquanto suposto provedor da completude parental e da importância da elaboração do luto.

A escolha de um paciente que já tenha passado por estudo diagnóstico auxiliou a reflexão feita por essa pesquisa, pois este fornecia dados essenciais para a compreensão da experiência escolhida.

Por outro lado, ter colocado no termo de consentimento que apenas uma família seria escutada acabou por limitar as possibilidades dessa pesquisa, uma vez que, a escuta de outras famílias poderia enriquecer o estudo feito aqui.

As questões que surgem na reflexão sobre o relato da mãe, levam a pensar na importância dessa pesquisa. Esse caso faz alguns apontamentos sobre a necessidade de uma escuta abrangente para a compreensão do sofrimento que envolve essa família.

Os apontamentos referidos são:

- buscar compreender a história familiar, com um olhar atento às repetições de vivências existentes dentro das famílias o que evidencia o que está difícil de elaborar;
- quando a relação família / escola é fortalecida, assuntos como a dificuldade de elaboração do luto podem surgir, auxiliando as duas instituições a lidarem com uma criança enlutada;
- o quanto as entrevistas com os pais de um criança que busca um atendimento psicológico pode elucidar um caminho na psicoterapia;
- que a maneira como cada família se estrutura se refere também ao sintoma apresentado como queixa inicial.

Tendo em vista que essa pesquisa buscou escutar uma família que tenha um filho com dificuldades escolares e compreender os desdobramentos dessas na família, pode-se dizer que as considerações feitas a partir da entrevista com a mãe corroboram o objetivo desse trabalho de conclusão de curso.

Referências Bibliográficas

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. Orientação de pais: partilhar conhecimentos sobre desenvolvimento e práticas de educação como estratégia de intervenção. *Texto e Contexto-Enfermagem*, Florianópolis, v. 14, n. , p.22, 2005.

ARIES, Philippe. *A história social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 270-300 p.

BAETA, Anna Maria. Fracasso Escolar: Mito e Realidade. *Série Idéias* n.6, São Paulo: FDE, 1992. P.17-23.

BARANGER, Willy. *Contribuições ao conceito de objeto em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

CANAN, Silvia; NOGARO, Arnaldo. *Programa Interinstitucional de Integração da Universidade com a Educação Fundamental: olhares sobre a escola*. São Cristóvão: Erechim, 1997, 15 p.

CARMO, Elisabete Regina; CHAVES, Eneida Maria. Análise das concepções de aprendizagem de uma alfabetizadora bem-sucedida. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, p. 121-136, novembro/ 2001.

CARVALHO, Ana M.; MOREIRA, Lúcia. *Família e Educação*. Paulinas, São Paulo, 2008.

FERNANDES, Nivia Caratin. *Família-Escola- A participação Masculina*. São Paulo, 2007.

FREUD, Sigmund. À Guisa de Introdução ao Narcisismo In *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. 224 p

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GOMES, Bruna Maria Souza. *A compreensão das práticas educativas no contexto familiar, sob o olhar da criança: um estudo fenomenológico*. São Paulo, 2009.

GOMES, Jerusa Vieira. Relações Família e Escola- Continuidade/ Descontinuidade no Processo Educativo. *Idéias*, São Paulo, nº16, p. 84-92, 1990.

GOMES, Jerusa Vieira. Família e Socialização. *Psicologia USP*, São Paulo, 3(2), p. 93-105, 1992.

LACASA, Pilar. Introducción: Familias y escuelas: dos caras de una misma moneda? *Cultura y Educación*, p, 5-10, 1996.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B.. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. A Construção da escola pública democrática: algumas reflexões sobre a política educacional. Campinas, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 168 p.

MARTINS, Cláudia Cardoso; CORRÊA, Marcela Furlanete. O desenvolvimento da escrita nos anos pré escolares: questões acerca do estágio silábico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, vol.24, n. 3, jul/set 2008.

MARTINS, J. E BICUDO, M.A.V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia. Fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: EDUC e Editora Moraes, 1989.

PAIN, Sara. *Diagóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PRADO, Maria do Carmo. *Destino e mito familiar*. São Paulo: Vetor, 1999.

POSTER, M. *Teoria Crítica da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

RODRIGUES, Rogério. A prática educativa como uma atividade de desencontro de sujeitos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.33, n.3, p.445-458, set/dez 2007.

SALVARI, Lúcia de Fátima Carvalho; DIAS, Cristina Maria de Souza. Os problemas de aprendizagem e o papel da família: uma análise a partir da clínica. *Estudo em Psicologia*, Campinas, v.23, n.3, jul./set. 2006.

SANTOS, Manoel Antônio Dos. A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 12, n. 3, 1999.

SILVA, Maria Lúcia Spadini. *Relação escola-família : possibilidade de aproximação em situação de dificuldades de aprendizagem*. São Paulo, 2008.

SOLIS-PONTON, Leticia. *Ser pai, ser mãe parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SOUZA, Beatriz de Paula. Apresentando a Orientação à Queixa Escolar. *Psicologia em Estudo* v.6, n.2, 2001, 129-134p.

SZYMANSKI, Heloisa. *A relação Família/ Escola desafios e perspectivas*. Brasília: Editora Plan, 2004.

SZYMANSKI, Heloisa; Yunes, Maria Ângela Mattar. Estratégias Metodológicas para Compreensão da Resiliência em Famílias. *Revista Interamericana de Psicologia*, v. 39, n. 3, 2005.

SZYMANSKI, Heloisa; CURY, Vera Engler. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 9, n.2, p.355-364, 2004.

SZYMANSKI, Heloisa. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 21, n.2, 2004.

VOLNOVICH, Jorge. *A psicose na criança*. Rio de Janeiro: Relume-Damará, 1993.

WINNICOTT, Donald Woods. *A família e o desenvolvimento individual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 247 p.

WINNICOTT, Donald Woods. *A criança e o seu mundo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 2008. 270 p.